



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CAROLINI CRISTINA SANTOS ALPE

SELVA TRÁGICA: A ERVA, A TERRA, O TEMPO E O SONHO - RELATOS DE SOBREVIVÊNCIAS

Campo Grande/MS
2017

CAROLINI CRISTINA SANTOS ALPE

**SELVA TRÁGICA: A ERVA, A TERRA, O TEMPO E O SONHO - RELATOS DE
SOBREVIVÊNCIAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Historiografia Literária

Orientador: Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues

Campo Grande/MS
2017

A461s Alpe, Carolini Cristina Santos Alpe

Selva Trágica: a erva, a terra, o tempo e o sonho – relatos de sobrevivências. Carolini Cristina Santos Alpe. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

80 p. 30cm.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Campo Grande, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues.

1. Romance histórico 2. Linhas de força 3. Instâncias discursivas I. Título .

CDD 23.ed. 869.09

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato

Prof. Dr. Rosana Cristina Zanelatto Santos

Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 10 de Março de 2017.

Ao meu amado consorte, com quem partilho os
sonhos e a sorte, Alex.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Lucilo Antonio Rodrigues, querido professor e amigo, por todas as orientações a mim destinadas e por todas as palavras de apoio a mim dirigidas.

Aos meus pais Anselmo e Valdenice, por todo o apoio prestado quando necessário.

Ao meu querido irmão André Luís, por me auxiliar de todas as formas e contribuir diretamente para que a execução desta dissertação fosse possível.

Ao meu noivo Alex, que em todos os momentos esteve ao meu lado, subsidiando-me e concedendo-me todo o aporte necessário para que esta etapa fosse concluída.

Alpe, C. *Selva Trágica*: a erva, a terra, o tempo e o sonho: relatos de sobrevivências absurdas. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

RESUMO

A dissertação aqui disposta tem como intuito estabelecer e ponderar as relações entre as linhas de força que tangem a narrativa *Selva Trágica*, de autoria de Hernani Donato. A referida narrativa articula-se como um romance histórico que vem apresentar a história velada intrínseca ao contexto de exploração da erva-mate no sul do Estado de Mato Grosso - antes de sua divisão territorial pela Companhia Mate Laranjeira, que detinha a concessão das terras constituídas pelos ervais nativos. A perspectiva acerca dos acontecimentos que permearam a atmosfera ervateira traçou-se a partir das questões que abrangiam os ervais, os indivíduos que neles estavam inseridos e todo o âmbito social, político e econômico inerente à temática da colheita da erva-mate. A pesquisa em questão busca ressaltar como atuam as linhas de força referentes aos períodos da década de 1940 – período em que se ambienta a narrativa – e a década de 1950 e seus acontecimentos no âmbito histórico, político e social, e como essa atuação é manifesta na esfera discursiva inerente à constituição da trama. Sendo assim, parte-se da premissa de que as relações entre as duas épocas em questão podem ser concebidas e avaliadas a partir do nível da linguagem. Com relação às linhas de força presentes na narrativa, busca-se avaliar como elas se manifestam no âmbito sócio-histórico e quais as suas projeções na esfera discursiva. Como aparte teórico para apreensão, análise e altercação da problemática em questão e suas representações no nível da linguagem, temos as concepções de teóricos como Mikhail Bakhtin e José Luiz Fiorin acerca do discurso. O estudo em questão busca conceber as correlações históricas e sociais a partir do nível do discurso, analisando as inerências entre o contexto de produção na narrativa e a articulação dos fatos extrínsecos ao texto, provenientes de um determinado momento histórico, buscando executar as referidas inerências no plano da linguagem e das instâncias discursivas presentes na narrativa.

Palavras-chave: Romance histórico. Linhas de força. Instâncias discursivas.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to establish and evaluate the relationships between the lines of force that permeate the narrative *Selva Trágica*, by Hernani Donato. The above-mentioned narrative articulates as a historical novel that comes to dispose the veiled story intrinsic to the context of exploitation of the yerba mate in the south of the State of Mato Grosso - before its territorial division, by the Company Mate Laranjeira, that obtained the concession of the lands constituted by the original Herbal. The perspective on the events that permeated the herbivory atmosphere was drawn from the questions that covered the herbs, the individuals who were inserted in them and the whole social, political and economic scope intrinsic to the theme of the picking of yerba mate. The research in question seeks to highlight how the lines of force related to the periods of the 1940s - the period in which the narrative takes place - and the 1950s and their events in the historical, political and social spheres, and how this action is manifest in the discursive sphere inherent in the constitution of the plot. Thus, the premise is that the relations between the two epochs in question can only be conceived and evaluated from the level of language. With respect to the lines of force present in the narrative, it is sought to evaluate how they are manifested in the socio-historical scope and what their projections in the discursive sphere. As theoretical apart for apprehension, analysis and discussion of the problematic in this dissertation and its representations at the language level, we have the conceptions of the theoreticians like Mikhail Bakhtin and José Luiz Fiorin about the discourse. The present study seeks to conceive the historical and social correlations from the discourse level, analyzing the inferences between the production context in the narrative and the articulation of the extrinsic facts to the text, coming from a certain historical moment, seeking to execute the said inferences in the narrative in the plan of language and the discursive instances present in the narrative.

Key-words: Historic Novel. Lines of force. Discursive instance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 O CONTEXTO ERVATEIRO E SUAS PROJEÇÕES.....	13
CULTURAIS E SÓCIOHISTÓRICAS MANIFESTAS NA	
ESFERA LITERÁRIA EM <i>SELVA TRÁGICA</i>	
1.1 O ENREDO DE <i>SELVA TRÁGICA</i> – BREVE PANORAMA.....	13
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA.....	18
<i>SELVA-TRÁGICA</i> : O ERVAL ENQUANTO ESFERA	
SOCIOHISTÓRICA	
1.3 <i>SELVA TRÁGICA</i> : OS DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA.....	26
SOCIEDADE E LITERATURA	
2 AS FACETAS DO NARRADOR EM <i>SELVA TRÁGICA</i>:.....	41
TENSÕES ENTRE AS MARCAS OBJETIVAS E SUBJETIVAS	
IMPRESSAS NA NARRAÇÃO	
3 A OBLITERAÇÃO DOS SUJEITOS PRESENTES EM.....	49
<i>SELVA TRÁGICA</i>	
4 AS REPRESENTAÇÕES DA DÉCADA DE 1950.....	61
INCUTIDAS EM <i>SELVA TRÁGICA</i>: ANÁLISE SOB	
OS MOLDES DISCURSIVOS	
CONCLUSÕES.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado tem como intuito estabelecer e analisar as relações temporais e as linhas de força manifestas entre dois períodos divergentes, sendo estes a década de 1940 e a década de 1950 a partir da narrativa *Selva Trágica*, de autoria de Hernani Donato (12 de Outubro de 1922 – 22 de Novembro de 2012), que atuou como escritor, historiador, jornalista, professor, tradutor e roteirista, e ocupou as cadeiras da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e da Academia Paulista de Letras.

Vale ressaltar que a edição sobre a qual decorre esta pesquisa corresponde ao ano de 1976 e configura-se como um exemplar revisto pelo autor, uma vez que a primeira publicação data do ano de 1957. A referida narrativa constitui-se como um romance histórico que vem dispor a história velada intrínseca ao contexto de exploração da erva-mate no sul do antigo Estado de Mato Grosso pela Companhia Mate Laranjeira, que detinha a concessão das terras constituídas pelos ervais nativos no período correspondente aos fins do século XIX até meados do século XX, quando a concessão não pôde mais ser renovada, em virtude de acontecimentos de cunho político. A perspectiva acerca dos fatos que permearam o ambiente ervateiro traçou-se a partir das questões que envolviam os ervais, os indivíduos que neles trabalhavam e toda a esfera social, política e econômica inerente à temática da colheita da erva-mate. Para tanto, o autor dispõe um estudo acerca dos ervais e de suas condições, e redireciona a atmosfera do erval no produto discursivo das personagens. Os indivíduos dispostos na trama por Donato (1976) articulam-se a partir de um processo representativo dos estereótipos que compunham o Ciclo da Erva-Mate e sua exploração.

A partir do processo de análise discursiva a ser executada - tendo-se como subsídios as marcas históricas e sociais da época -, busca-se avaliar como as linhas de força estabelecidas pelo contexto de exploração dos ervais apresentam um diálogo com o período de 1950, no âmbito histórico e social, e como este diálogo se articula manifesto na esfera discursiva.

Compreende-se que a década de 1950 foi marcada pela industrialização em grande escala, uma vez que o mercado interno estava impulsionado em função de crises que acometeram países que possuíam maiores relações de

importação/exportação com o Brasil; alguns países europeus e também os Estados Unidos estavam com suas economias enfraquecidas em virtude da Primeira Guerra Mundial e também da Grande Depressão, ocorrida em 1929. Com esse enfraquecimento, os países que se encontravam em desenvolvimento passaram a investir mais na produção do produto interno, e o Brasil projetou-se industrialmente. Esther Kuperman (2012) dispõe que o cenário de desenvolvimento industrial ao qual o Brasil foi submetido foi produto das ações capitalistas inerentes aos países desenvolvidos. Sendo assim, a industrialização brasileira só foi possível quando disposta em uma escala mundial, em que os países anteriormente potentes em termos de importação e exportação foram afetados devido à crise e/ou conflitos, dando espaço ao desenvolvimento dos países com menor industrialização. Com o favorecimento do produto interno, a economia brasileira assumia um caráter cada vez mais capitalista, impulsionado pela atuação do Estado. Essa atmosfera voltada ao capitalismo promoveu duas classes – ambas inerentes à fração dominante economicamente privilegiada. Temos então o embate ideológico e político entre as seguintes frações da classe dominante: uma voltada à agricultura e a outra voltada ao setor industrial, ambas relativa à classe burguesa da década de 1950.

É relevante ressaltar que as menções à *ideologia* e/ou *campo ideológico* dispostos nesta dissertação encontram-se assentadas sob as colocações de Bakhtin (2014) no que tange às *cadeias ideológicas*. Esses termos encontram-se ao longo da presente dissertação apresentados em itálico, uma vez que possuem sua especificidade voltada para o âmbito da linguagem, especificidade essa concebida pelo viés de Bakhtin (2014). As referidas colocações configuram-se pertinentes à essa pesquisa na medida em que os fatos que ocorrem na trama e suas correlações com a esfera social podem ser explicitadas e afirmadas a partir das referidas *cadeias ideológicas* – termo utilizado por Bakhtin (2014), já que as *consciências individuais* das personagens são interligadas a partir da ambientação e dos acontecimentos dos encontros, oportunizando ao leitor uma visão panorâmica dos fatos a partir de diversas perspectivas. Além disso, o campo ideológico que envolve as personagens permite ao leitor identificar as linhas de força às quais os indivíduos da trama estão condicionados, ainda que de modo implícito.

Sendo assim, parte-se da premissa de que as relações entre as duas épocas em questão devem ser concebidas e avaliadas a partir do nível da linguagem e das

correlações entre o nível enunciado e o nível da enunciação. Logo, parte-se dos indicadores discursivos da narrativa *Selva Trágica* para o conjunto de significados que estes trazem consigo. Tendo por base a articulação que Donato (1976) apresenta em sua narração, busca-se avaliar qual a relação entre os dois períodos já discriminados anteriormente e os reflexos dessa relação no nível do discurso.

A metodologia da presente pesquisa volta-se para a análise das instâncias discursivas mediante os fatos nelas projetados. A análise dos diálogos temporais entre duas décadas, bem como o estudo das marcas da esfera erivateira no teor discursivo da narrativa de Hernani Donato (1976) são aspectos de grande relevância para a pesquisa em questão, uma vez que a partir desses pontos pode-se estabelecer a correlação entre o contexto de elaboração da narrativa e suas projeções no que tange ao âmbito exterior ao texto. Como produto final da presente pesquisa, busca-se ratificar – mediante a linguagem disposta na construção narrativa e seus indícios discursivos – o diálogo que permeia as divergências entre as classes dominantes provenientes do contexto histórico, político e social da década de 1950, uma vez que pode-se visualizar o embate dessas classes a partir da articulação do narrador. Logo, as disposições gerais do estudo ora descrito partem das relações discursivas e dos fatores inerentes à própria narrativa que só podem ser desvelados mediante ao estudo das estruturas do discurso em detrimento do contexto a partir das quais foram articuladas e situadas.

No capítulo inicial, temos uma breve disposição do enredo da narrativa, dos sujeitos que pertencem à esta, e de alguns fatos a partir dos quais o romance desenvolve-se. Esse capítulo tem como objetivo situar o interlocutor com relação à tessitura de *Selva Trágica* e seus desdobramentos, a fim de que, posteriormente, a relação entre o contexto de produção da narrativa e sua impressão nas vias discursivas possa ser apreendida.

Posteriormente, no capítulo segundo, traçou-se uma perspectiva com relação ao caráter sócio-histórico da narrativa. *Selva Trágica* constitui-se como um romance histórico, logo, fez-se necessário verificar como os limites entre ficção e realidade configuram-se a partir da narrativa. O referido capítulo apresenta-se desmembrado em dois subcapítulos.

O primeiro subcapítulo volta-se para um panorama envolvendo os acontecimentos históricos que contribuíram para a constituição do enredo da trama,

tendo em vista que o romance de Donato (1976) desencadeia-se a partir de uma base instaurada sobre os pilares da história da extração da erva-mate enquanto produto comercial, e é a partir da articulação histórica que se torna possível a criação de uma vertente ficcional que dispõe de fatos que ocorreram em determinada época e deixaram seus resquícios em um panorama espacial e temporal, resquícios estes que são transfigurados na narrativa em questão.

O segundo subcapítulo é dedicado à abordagem do panorama histórico vigente ao período de exploração da erva-mate e as manifestações discursivas presentes na romance. No referido item temos a análise dos aspectos históricos atinentes ao discurso, logo, temos a abordagem dos pontos de articulação entre ficção e história e como essa articulação é transposta no discurso narrativo.

O terceiro capítulo volta-se à figura do narrador e sua participação no processo de construção da narrativa. No referido capítulo temos a abordagem do narrador em suas variadas formas de apresentação mediante o discurso, uma vez que esse não se apresenta em um único estilo de narração; em sua discursividade, ora temos uma vertente de cunho objetivo com relação à narração dos fatos, ora temos uma vertente de cunho subjetivo, em que o narrador submerge nas tensões íntimas das demais personagens. Logo, tem-se como objetivo nesse capítulo avaliar com essas vertentes se apresentam no discurso e quais suas projeções no processo de execução da narração. Para a melhor disposição dessa abordagem, temos como subsídio as acepções de Norman Friedman (2002), no que tange ao desempenho do narrador e suas particularidades na esfera narrativa.

Posteriormente à análise da figura do narrador, tem-se o quarto capítulo, que se configura dedicado aos sujeitos inerentes à tessitura. O referido capítulo tem como intuito abordar a obliteração das personagens pertencentes à atmosfera do erval, no ímpeto de demonstrar o quão anuladas e/ou esvaziadas tornam-se esses sujeitos em face das condições de exploração do erval. O capítulo em questão é subsidiado por teóricos como José Luiz Fiorin (2014), em suas acepções quanto aos conceitos *embreagem* e *debreagens*, de grande relevância para o desenvolvimento do processo analítico dos elementos textuais, Mikhail Bakhtin (2014), acerca dos pilares enunciativos.

O capítulo quinto visa abordar as representações da década de 1950 no romance *Selva Trágica*. No capítulo em questão, busca-se visualizar em que medida

o teor denunciativo da narrativa sobre as condições de exploração estabelecidas pela fração da burguesia dominante na primeira metade do século XX projeta-se na conjuntura da década de 1950 a partir das vias discursivas de *Selva Trágica*, e como esta projeção incide na articulação entre literatura e história. Nesse capítulo temos a análise dos elementos discursivos de como esse processo pode ser visualizado e compreendido a partir da figura do narrador, das personagens e do erval enquanto espaço de desenvolvimento das ações.

1 O CONTEXTO ERVATEIRO E SUAS PROJEÇÕES CULTURAIS E SÓCIOHISTÓRICAS MANIFESTAS NA ESFERA LITERÁRIA EM *SELVA TRÁGICA*

1.1 O ENREDO DE *SELVA TRÁGICA* – BREVE PANORAMA

O enredo do romance *Selva Trágica* apresenta a história velada dos indivíduos que foram relevantes para a construção de uma questão histórica – o domínio da Companhia Mate Laranjeira¹ e suas projeções em nível territorial e econômico, além das impressões deixadas nos sujeitos que dela fizeram parte.

A estruturação do romance ocorre por meio de sete capítulos, sendo que cada um desses apresenta-se subdivido. O primeiro *Capítulo I*, formado por onze subcapítulos apresenta o cotidiano do erval a partir da perspectiva das personagens.

O *Capítulo II* é composto por nove subcapítulos. No presente capítulo temos a exploração do acampamento ervateiro, a menção as funções de cada trabalhador, e o estabelecimento das noções hierárquicas a partir da apresentação das personagens que ocupavam-se do gerenciamento do acampamento ervateiro.

O *Capítulo III*, também composto por nove subcapítulos, contém a articulação descritiva similar ao capítulo anterior, no entanto, é a partir desse momento que começa-se a visualizar o foco narrativo deslocando-se do micro – os fatos que decorrem dentro do acampamento – para o macro, ou seja, as ações que estão ocorrendo além das dependências do erval.

No capítulo posterior – *Capítulo IV*, elaborado a partir de sete subcapítulos, além das descrições do cotidiano dos ervais, temos a abordagem voltada ao gênero feminino a partir das personagens *Flora* e *Zola*, mulheres que viviam no acampamento e a partir da personagem *Nakyrã*, uma das prostitutas à mercê do acampamento. A partir da referida abordagem é possível analisar o quão desprovidas de quaisquer

¹ Denominada inicialmente *Empresa Mate Laranjeira*, a *Companhia Mate Laranjeira* foi uma empresa que surgiu no ano de 1881, a partir de uma concessão imperial ao comerciante Thomas Laranjeira, no período após o término da Guerra do Paraguai, tendo como atividade a extração da erva-mate, na região que compreendida pelo sul do antigo Estado de Mato Grosso.

subsídios, sobrevivendo em condições hostis, e disponíveis aos desígnios dos homens do erval.

O *Capítulo V* é destinado a narração das festividades da *Semana Santa*. Composto por treze subcapítulos, tem-se a articulação temporal dos dias de festa, e a descrição do aspecto psicológico dos indivíduos em cada um desses dias, até tudo findar-se e estes voltarem para as suas miseráveis condições de trabalho e sobrevivência.

O penúltimo capítulo apresenta o fim dos trabalhos pelo *changay-s*, que encerram seu ciclo de serviço e retornam as suas moradas; a fuga sem êxito das personagens *Flora e Pablito* das dependências do erval e a captura da mulher; e a menção ao fim do monopólio da erva, enunciada pela personagem *Luisão* a partir de seu processo de intermediação entre o que acontecia nas dependências do erval e fora dele.

No *Capítulo VII*, temos a declaração do fim do monopólio. No entanto, ao final do romance, temos o acampamento deslocando-se para um novo local de extração da erva, o que mostra que o fim do monopólio da erva ocorreu de modo rápido e eficaz apenas em vias burocráticas. O romance, que inicia-se em uma mina de extração, encerra-se em outra, constituindo uma atmosfera cíclica, na qual os trabalhadores estão plenamente inseridos.

Uma questão relevante a ser analisada na elaboração da narrativa aqui abordada é o fato de que toda a construção ficcional apresenta-se intrínseca aos fatores que ocorreram em um contexto pós-guerra – Guerra do Paraguai - até os anos que demarcaram o declínio da Companhia Mate Laranjeira, em suas formas de exploração dos trabalhadores dos ervais. É necessário ressaltar, porém, que ainda que a narrativa contemple essa última questão, o processo da desconfiguração do monopólio da empresa ocorreu de modo lento e gradativo, como é apresentado a partir de passagens da tessitura de *Selva Trágica*.

Com relação aos sujeitos apresentados na obra e sua articulação mediante espaço e tempo, traçaremos a seguir uma breve perspectiva do que se faz presente no romance.

A narrativa de *Selva Trágica* inicia-se e permanece nos ambiente dos ervais. Alguns acontecimentos que decorrem fora dos domínios dos ervais são enunciados por vozes que se encontram dentro das minas e/ou acampamentos ervateiros. Nota-

se a partir dessa configuração narrativa que a ambientação apresenta-se como fator de grande relevância no romance, uma vez que é a partir da construção do ambiente que decorrem as ações que nortearão o enredo da trama.

As personagens da narrativa são apresentadas gradativamente. Cada caractere pertencente à trama é inserido na tessitura de modo a contribuir para que um outro lado do erval seja apresentado. A partir disso, temos a formação de grupos de indivíduos que apresentam particularidades em comum. Logo, temos o grupo dos trabalhadores dos ervais- clandestinos ou não - que por sua vez divide-se de acordo com as funções de cada uma das personagens, uma vez que o manejo da erva requer vários setores de atuação dos trabalhadores; o grupo composto por aqueles que são subordinados às ordens da Companhia – porém apresentam maior autoridade com relação aos demais trabalhadores; as mulheres do erval – classe de grande importância na constituição da trama; e por fim, o grupo dos indivíduos que encontram-se em um meio distante e avesso às condições de trabalho nos ervais. Cada um desses grupos será introduzido e apresentado brevemente na sinopse a seguir disposta.

A narrativa tem início em uma das minas de exploração dos ervais, a partir da apresentação de três trabalhadores responsáveis por encontrá-las para que essas pudessem ser exploradas quando os recursos das minas em exploração estivessem findados. A partir do enunciado das personagens começa-se a ter uma dimensão do que vem a ser de fato o trabalho nos ervais, e é a partir dessa questão que torna-se possível visualizar um ambiente sem perspectivas ou projeções de crescimento pessoal por parte das personagens. As referidas personagens são *Pablito*, *Pytã* e *Lucas*.

Saíram para uma clareira enxameada de mosquitos e borboletas. O capataz Lucas apontava o coqueiro mais alto:
- É a sua vez. Suba e espie.
Pablito distendeu a peia, meteu os pés e grimou o pindó² até a primeira folha.
O capataz perguntava, ao gritos:
- Na direita?
Olha a direita e *não vê nada mais do que selva*.
(DONATO, 1976, p. 9, grifo nosso)

² coqueiro

Posteriormente, temos a introdução da personagem *Flora*. Essa personagem configura-se como personificação da figura da mulher em um contexto extremamente machista e marcado pela imposição dos homens. O erval apresenta-se como um ambiente hostil, em que é necessário o senso de adaptação de todos aqueles que nele se inserem, e *Flora* vem desvelar a partir de seu discurso e ações, o quão difícil configura-se esse ambiente para as mulheres, que ainda que submissas aos desejos e anseios dos homens, devem ser fortes para enfrentar as mazelas dos ervais. O trecho que se segue corresponde a posição de *Flora* para que *Pablito* pudesse escapar do erval, ainda que ela sofresse consequências. “- Casimiro, comigo faça de tudo e não solto um pio! Aqui ou lá. Com esses homens ou com outros. Mas você bem que podia atrasar o andamento, não podia? Não lhe basta voltar comigo? [...]” (DONATO, 1976, p. 172)

As personagens *Pablito* e *Flora* buscam viver um romance permeado por inúmeros obstáculos. Esse romance torna-se impossível de realizar-se em face da hostilidade do ambiente no qual estão situados e também pelas relações de poder as quais ambos são condicionados. Além do árduo ambiente do erval, as personagens ainda são submetidos às dimensões hierárquicas do acampamento onde residem, comandado pelo gestor do local – *Curê* – e seus subordinados – *Isaque* e *Casimiro*. No excerto a seguir, temos a punição de um dos ervateiros que fugiu do erval, e foi capturado.

No fim da tarde, reunida a gente do rancho, amarraram ao poste o moço apanhado na fuga com Augusto. Estendera-lhe diante do chicote e pergutaram:

- Começamos com qual? A escolha é sua.

Preferiu morder o lábio e engolir o soluço. Escorreu o olhar aterrado, dos chicotes para os homens aglomerados à sua volta. Como que pedindo ajuda [...] bateram com o teyu-ruguay, o chicote fino e longo como a cauda do lagarto, que rompe o couro e põe estrias de sangue nas costas e nos peitos mais robustos. (DONATO, 1976, p. 109)

Posteriormente, após muito apanhar, o sujeito desmaia, e *Curê*, o administrador do erval, dirige-se à *Isaque*: “Porcaria! Faz anos que não vejo homem receber de cabeça erguida umas quantas lambadas! O que esses vadios tem no sangue, hein, *Isaque*? Tereré?” (DONATO, 1976, p. 110)

Em *Selva Trágica*, ainda que *Pablito* e *Flora* configurem-se como personagens principais, a trama apresenta vários núcleos. Temos ainda o núcleo das prostitutas dos ervais e dos mineiros clandestinos, que conferem à narrativa outras perspectivas de abordagem. Logo, conclui-se que a protagonista da trama é a própria erva, bem como disposto nas palavras do autor, no prólogo do romance: “Bem por isso, o personagem principal é a erva” (1976, s/p). É a erva e seus desígnios que envolvem as personagens, e a partir desse envolvimento traça os rumos tomados pelos caracteres, rumos esses que culminam na frustração e no senso de falta de perspectiva.

Em outro plano, temos as personagens alheias ao cotidiano dos ervais. Nesse grupo inserem-se as autoridades e a imprensa, personificada na figura do *Jornalista*, que busca apurar os fatos que ocorrem nos domínios da empresa. Ao final da narrativa, temos a menção de que os anos de monopólio da empresa de extração da erva estão findados, e que a concessão das terras – em ocorrido entre o governo brasileiro e o empresário Thomas Laranjeira, responsável pela Companhia – está chegando ao fim. Vejamos a personagem *Luisão* em sua manifestação discursiva:

- Uma luta desse porte não começou ontem, nem pode acabar hoje. Durou muito tempo, engoliu muita gente, enriqueceu um pouco e desgraçou milhares. Começou com a regulamentação da poda, coisa que ninguém obedeceu. Agora, mandaram dizer o que Governo decretou a extinção do monopólio. Todos vocês devem pedir a concessão e tirar a erva. Isso custou dez anos de espera. (DONATO, 1976, p. 198)

Ao fim da narrativa, o que torna-se claro é que o término da exploração e as medidas trabalhistas que beneficiam os trabalhadores ervateiros configuram-se atuantes apenas em nível burocrático, uma vez que na conclusão da narrativa os trabalhadores vão em busca de uma nova mina de exploração e, em suas redondezas, estabelecem um novo acampamento, como ocorre no início da trama. A partir dessa perspectiva, temos uma atmosfera cíclica, pois os mesmos indivíduos ainda se configuram inertes às condições de exploração e não possuem nenhum suporte e/ou subsídio de algum dos órgãos envolvidos no processo de extinção do monopólio da erva. Ainda sob o enunciado de *Luisão* temos:

Não pensem que com isso - esse papel do Governo – os apuros se acabaram. O Governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1976, p. 198)

Selva Trágica articula-se como uma narrativa de vertente ficcional, porém, remonta aos fatos que ocorreram em um determinado tempo e espaço, apresentando ao leitor as questões que foram veladas em detrimento da amostra de uma outra perspectiva dos ervais – a perspectiva do êxito da Companhia Mate Laranjeira. A adjetivação *trágica*, disposta no título do romance, não se apresenta por acaso, pois a tragicidade é uma das téticas facetas sob as quais se articularam os acontecimentos nas vias de extração da erva.

1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA SELVA-TRÁGICA: O ERVAL ENQUANTO ESFÉRA SOCIOHISTÓRICA

Hernani Donato teceu sua perspectiva acerca do ciclo dos ervais em Mato Grosso a partir da construção de uma narrativa que abordou a temática da gesta ervateira, bem como os sujeitos inerentes a esta. A perspectiva acerca dos fatos que permearam o ambiente ervateiro traçou-se a partir das questões que envolviam os ervais, os indivíduos que neles trabalhavam e toda a esfera social, política e ideológica intrínseca à temática da colheita da erva-mate. Para tanto, Donato dispõe da abordagem acerca dos ervais e de suas condições e redireciona a atmosfera do erval no produto discursivo das personagens. O autor utiliza-se de um ambiente discursivo proveniente do contexto analisado – no caso, as minas de extração de erva-mate (*illex paraguayensis*) e os ervais – e vale-se das personagens como meio de exposição do universo representado na trama. Quanto ao tempo histórico disposto na narrativa, este se direciona aos anos em que a Companhia Mate-Laranjeira inicia seu processo de declínio, em virtude de questões políticas e econômicas. Hernani Donato dispõe da história oficial desse período para elaborar a trama em questão.

O uso da historiografia empregado no romance, aliada aos índices discursivos conferem à narrativa a representatividade do teor individual de cada um dos indivíduos que constituíram o ciclo ervateiro. Sendo assim, o discurso proveniente dos ervais e manifesto no romance apresenta seu teor voltado para a abordagem das crenças, das expectativas, dos sonhos e das frustrações dos ervateiros e de todos aqueles submetidos ao erval. História e literatura são esferas mescladas por Hernani Donato, culminando na execução de um romance condizente com uma proposta que visa abordar a constituição do erval e as suas projeções sociais e culturais.

Jérri Marin (2008, p. 1) afirma que a constituição de *Selva Trágica* delinea-se como “uma narrativa que preserva a dimensão estética da linguagem literária e constitui-se num testemunho de época, a partir das representações dos ervais mato-grossenses e da fronteira Oeste.” A partir dessa afirmação podemos depreender que Donato teve como subsídio um momento histórico para a composição de sua tessitura e utilizou-se do trabalho com as instâncias discursivas para conseguir transitar entre história, sociedade e literatura de forma perspicaz, ressaltando os pontos relevantes da esfera ervateira a partir da abordagem discursiva que conferiu a cada um dos sujeitos da trama.

Ambientada no sul do antigo Estado de Mato Grosso, mais especificamente na região compreendida por Dourados e Ponta-Porã, situadas atualmente ao sul do Estado de Mato Grosso do Sul, a narrativa - que tem sua ambientação cronológica em meados do século XX; vem apresentar a colheita da erva-mate e o ciclo ervateiro. Para isso, Donato dispõe do ponto-de-vista das classes inerentes ao erval, como os trabalhadores dos ervais em suas variadas funções, e também apresenta a posição – ainda que de maneira implícita ao discurso – da Companhia Mate Laranjeira, responsável pelas questões determinantes com relação aos empregados da empresa.

A Companhia – que teve como idealizadores Thomas Laranjeira e Francisco Mendes Gonçalves, visava o intercâmbio comercial entre Brasil, Argentina e Paraguai por meio da exploração dos ervais nativos ao sul do atual território de Mato Grosso do Sul, uma vez que estes abrangiam uma extensa área e configuravam-se como um investimento lucrativo para aqueles que detinham o domínio das minas de erva-mate. As operações oficiais da empresa iniciaram-se em 1882, a partir da exploração de territórios arrendados e também os territórios cedidos em acordos políticos em um momento posterior à Guerra do Paraguai. A aquisição de territórios pela Companhia

Mate Laranjeira atraiu a atenção de muitos indivíduos que viam nos ervais um caminho para a melhoria de vida e obtenção de lucros. A erva configurava-se como uma promessa aos olhos daqueles que vieram trabalhar nos ervais. As minas de erva-mate e os assentamentos, ou acampamentos conforme disposto na narrativa, foram enchendo-se dos mais variados tipos de trabalhadores, como homens, mulheres e crianças tanto brasileiros quanto paraguaios. Porém, a atmosfera propiciada pela erva culminava apenas no trabalho e na acumulação de dívidas, o que foi aos poucos, condicionando tais indivíduos às regras do erval. O *país da erva*, como colocado em *Selva Trágica*, cobrava um alto preço daqueles que se dispuseram a manejar a erva de forma direta ou indireta, o que comprometeu os sonhos e as expectativas de cada um dos caracteres do erval.

Com a exploração da erva-mate, algumas cidades formaram-se sob a atmosfera ervateira, o que configurou, de certa forma, a constituição de um ciclo econômico inerente à região sul do antigo Estado de Mato Grosso. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2010, p.8) dispõe o seguinte fato acerca das consequências do Ciclo da Erva-Mate quanto às questões econômicas e também territoriais:

Responsável pelo primeiro ciclo econômico do sul do Estado, a erva-mate, explorada pela Mate Laranjeira, não só foi responsável pela ocupação, como inúmeras cidades, entre elas Ponta Porã, Rio Brillhante, Caarapó, Porto Murtinho, Iguatemi e Tacuru, nasceram durante a sua extração. (SANTOS, 2010, p.8)

A Companhia Mate Laranjeira é disposta na trama de Donato de modo muito sutil. As referências a ela, quando feitas, ocorrem de maneira breve e indireta. Porém, ainda que o autor faça ligeiras menções a essa corporação, é ela quem rege as ações do erval manifestas na narrativa, o que confere ao texto de Hernani Donato a coerência narrativa entre os fatos ocorridos, e as transcrições destes a partir da perspectivas dos caracteres inclusos na trama. A extração da erva, ao ser retratada pelo viés narrativo, nos apresenta indícios daquilo que afligiu tantos indivíduos no contexto ervateiro e é a partir dessas marcas que o autor constrói a atmosfera do erval via linguagem, uma atmosfera marcada pelas expectativas anuladas e pela exploração não apenas dos menos favorecidos, mas de todos os sujeitos inertes às condições impostas pela Companhia.

Os trabalhadores dos ervais, eram submetidos a condições de trabalho muito hostis. Inicialmente, o Ciclo da Erva-Mate constituía uma oportunidade de crescimento para muitos. Porém, o regime de trabalho nas minas de extração e as outras funções voltadas para o manejo da erva exigiam muito dos trabalhadores. Logo, a função dos ervateiros, aliado ao constante endividamento, culminou em condições de trabalho escravo.

Valmir Batista Corrêa (1995, p. 40) faz uma interessante consideração quanto às características exploratórias ocorridas em nosso país, e cita os ervais como um dos ambientes em que a exploração do trabalho escravo ocorria. Vejamos:

[...] forma de violência tolerada por um largo período desde fins do Império, foi a utilização de trabalho escravo em fazendas, usinas de açúcar e nos ervais de Mato Grosso. Até o ano de 1931 registrou a existência de escravidão de negros, índios e brancos em algum as usinas do norte que possuíam também um eficiente esquema repressivo, com guarda própria, troncos e casas de suplício. Na região sul, mais especificamente nos ervais da Cia. Matte Laranjeira, os trabalhadores que contraíam dívidas com a empresa passavam longos tempo trabalhando sob o regime de escravidão. (CORRÊA, 1995, p. 40.)

O que ocorreu então foi uma relação trabalhista inversa, ou seja, os trabalhadores que antes prestavam seus serviços à Companhia agora dependiam unicamente dela para sobreviver.

Isabel Cristina Martins Guillen (2007, p. 623) apresenta a seguinte consideração com relação à Companhia e seu regimento quanto à extração da erva.

Citada exemplarmente por adotar regime de trabalho análogo ao escravo, a Companhia Matte Laranjeira tinha estabelecido um verdadeiro domínio na região sul de Mato Grosso através do monopólio que exercia sobre as terras ervateiras, já que detinha o arrendamento de cerca de dois milhões de hectares para a extração e a elaboração da erva-mate nativa. O arrendamento da Companhia abrangia toda a região compreendida entre a fronteira com o Paraguai e delimitada pelos rios Paraná e Ivinhema. Empregou indiretamente milhares de trabalhadores arregimentados no Paraguai, em sua grande maioria, e impôs nos ervais uma forma de trabalho baseado na escravidão por dívida. Naturalmente, sua receita em muitos momentos foi maior do que a do Estado de Mato Grosso. (GUILLEN, 2007, p. 623).

Nas considerações acima, notamos que a autora aborda tanto as questões territoriais e estatísticas quanto as questões voltadas ao meio de trabalho. Ao interpretarmos a afirmação “regime de trabalho análogo ao escravo” (GUILLEN, 2007, p. 623), notamos que a atividade ervateira dispõe do desgaste de seus trabalhadores para a obtenção de lucros. Vejamos uma das passagens na narrativa que menciona a Companhia e o teor grandioso que é conferida a ela pelo discurso dos sujeitos: “No andar em que vamos, nem no fim do século teremos força para emparelhar o nosso passo com o passo da Companhia” (DONATO, 1976, p. 115). Ainda que o autor disponha a empresa de extração da erva-mate de forma superficial, notamos a partir das vozes implícitas no discurso o quão poderosa e quão progressista articulava-se a empresa no ramo ervateiro, e esses indícios decorrem das manifestações discursivas enunciadas pelos sujeitos englobados pela atmosfera elaborada por Donato, tendo em base toda a articulação que regia os condicionados ao erval.

Temos então uma atmosfera problemática, uma vez que as minas de extração de erva-mate que oportunizam o lucro de setores privados (por exemplo, a Companhia Mate Laranjeira) são as mesmas que escravizam os trabalhadores dos ervais. Quando nos referimos ao termo escravidão, a partir do contexto da erva-mate, vale ressaltar que a escravidão ocorre a partir do sistema de obtenção de dívidas. O trabalhador do erval é condicionado a contrair dívidas, uma vez que está plenamente atrelado ao erval. Sendo assim, ele trabalha tendo como objetivo o sustento, mas durante a extração nas minas, acaba por contrair dívidas nas dependências do próprio acampamento ervateiro, uma vez que precisa dispor de alimentos e remédios para sobreviver. O trabalho no erval, antes focado no lucro, acaba condicionando o trabalhador a um ciclo. Logo, ocorre a dependência do ervateiro com relação ao erval, o que culmina sua impotência perante o sistema. Marin (2001, p. 170) dispõe que

A empresa Mate Laranjeira impunha um ritmo de trabalho que bestializava os trabalhadores e o aumento da produção implicava, na mesma proporção, conflitos e mortes. [...] Os ervais seriam um inferno e o paraíso encontrava-se no outro lado do rio Paraguai ou apenas no imaginário dos ervateiros. (MARIN, 2001, p. 170).

Como já dito anteriormente, com a ascensão do império ervateiro, muitos indivíduos foram atraídos para as minas. A promessa de um futuro próspero foi sendo

aos poucos substituída pela dura realidade do erval e de todas as consequências que isso acarreta para aquele que se compromete com os fazeres diários da cultura ervateira. É importante ressaltar que a economia baseada na esfera ervateira contribuiu para o desenvolvimento econômico do Estado de Mato Grosso, possibilitando o crescimento demográfico e alavancando a economia. Porém, no presente contexto, para que uma classe possa ter êxito em uma determinada atividade, outra classe padece para sustentar o sucesso da primeira. Com base nessa afirmação, temos a classe dominante, proveniente de um modo de produção capitalista, arraigada aos preceitos monetários, e a classe menos favorecida, composta por indivíduos que situam-se avulsos às conquistas de alguns, sendo muitas vezes, responsáveis direta ou indiretamente pelo progresso de poucos. Ainda sob a concepção de Guillen (2007, p. 624), vejamos o perfil do trabalhador ervateiro, e como se configurava o monopólio dos ervais.

O trabalhador empregado nos ervais era o paraguaio, em sua grande maioria descendente dos guaranis, recrutado por toda a região. Não há motivos para se duvidar que as relações e o processo de trabalho fossem diferentes na Matte Laranjeira e na Industrial Paraguaia, companhia que dominava a exploração do mate no Paraguai. O que importa destacar é que os trabalhadores ervateiros carregavam uma experiência de trabalho de muitas gerações, experiência essa que remonta às missões jesuíticas no século XVII e que não se modificou substancialmente nos séculos XVIII e XIX. Especificamente para a região ervateira, o controle sobre as terras se deu com o arrendamento dos ervais assinado com o governo do Estado (e prorrogado sucessivamente), através do qual a Companhia Matte Laranjeira exerceu amplo domínio sobre a região até praticamente a década de 1940. Toda a história local está pontuada por conflitos em torno da propriedade e da posse da terra, já que a Companhia, graças ao seu monopólio sobre os ervais, entendia que precisava impedir o estabelecimento de quem quer que desejasse terras nessa região. E tinha poderes para isso, pois os contratos previam que podia expulsar quem se estabelecesse em área de arrendamento, mesmo que não fosse em terras ervateiras, e para tanto dispunha de polícia própria. O controle sobre as terras arrendadas à Matte foi motivo de revoltas, rebeliões armadas e discussões políticas de toda ordem, de modo que podemos afirmar que se constituiu em um eixo a partir do qual se conduziu a história da região. (GUILLEN 2007, p. 624)

Os indivíduos presentes nos ervais são compreendidos pela narrativa elaborada por Donato a partir de suas respectivas contribuições para ela. Guillen (2007) dispõe acima o aspecto do indivíduo enquanto força de trabalho, e, a partir disso, traça um panorama de como configurava-se o trabalhador ervateiro no Ciclo da

Erva, deixando explícita a relação entre trabalhador e órgão articulador das ações nos ervais, no caso, a Companhia Mate Laranjeira, o que ratifica o teor monopolista da empresa tanto para com os territórios dos ervais, como também seu monopólio com relação aos indivíduos que dela fizeram parte. Donato explicita em sua narrativa tanto a questão voltada para os trabalhadores que exploravam a erva de forma regular, uma vez que prestavam seus serviços à Companhia, quanto aos trabalhadores clandestinos, os denominados *changa-y*, uma vez que estes trabalhavam de modo avulso à Companhia, gerando prejuízos a ela, já que faziam a extração da erva-mate em territórios da Mate Laranjeira.

Vemos que o autor apoia-se em vários vieses para a elaboração de uma narrativa sólida e condizente tanto com o momento histórico quanto com as perspectivas da história ficcionalizada. Em *Selva Trágica* temos a referência a diversos estereótipos que representam de forma eficiente cada classe que constituiu a exploração da erva-mate. Na tessitura do romance, os caracteres como o administrador – responsável pela organização do acampamento e pela delegação de funções nas dependências do erval -, o mineiro – indivíduo responsável pelo descobrimento de novas minas para extração e pelo desbaste das folhas -, o cancheador – responsável pelo processo de beneficiamento da erva -, o uru – responsável pela torra das folhas -, o huayno – os meninos aprendizes dos afazeres do erval -, e a mulher na esfera ervateira, são retratos de indivíduos que coexistiram com as mazelas da Companhia e obliteraram seus sonhos. Vejamos o excerto abaixo, que promove a ilustração das afirmações acima colocadas:

O trabalho dos cancheadores é estar o dia inteiro vibrando golpes rijos na erva até reduzir cada folha a um quinto do seu tamanho. Indo e vindo, vibravam os aporreadores compridos e pesados espadagões de madeira. Trabalhavam à sombra do rancho, sem parada, de escuro a escuro. Acabavam fedendo um misto de corpo de homem suado e de erva fermentada. (DONATO, 1976, p. 59-60)

No trecho acima vemos que a obliteração da personagem ilustrada pela figura do cancheador ocorre em duas instâncias. Em primeiro momento temos a substituição do indivíduo cancheador pelo seu instrumento de trabalho – *aporreadores compridos e pesados espadagões de madeira*. A referida substituição promove a desvalorização

dos sujeitos que exercem a função em prol do que é utilizado para que tal função seja exercida. O indivíduo situa-se, portanto em segundo plano e sua identidade enquanto sujeito sofre significativo apagamento. Em segundo momento temos um processo de fusão entre o homem e a erva. As expressões *corpo de homem suado* e *erva fermentada* adquirem projeções impessoais e de grande carga adjetiva, não possibilitando a separação do que vem a ser o sujeito da ação e o objeto manipulado por esse sujeito. Logo, temos a elisão entre ambas as partes, e essa fusão promove a descaracterização do indivíduo do erval enquanto ser dominante, o que culmina em uma projeção esvaziada da essência do homem enquanto sujeito de suas ações.

A narrativa constitui-se, portanto, como um objeto de crítica à realidade dos ervais. Quando lançado, mostrou à sociedade da época os fatos a partir do viés dos atuantes desprivilegiados do erval, ressaltando aspectos que até então haviam sido velados pela história oficial. Nicodemos Sena (2011) dispõe que a crítica relativa aos anos 1960 considerou esse romance histórico como um *alto momento* da ficção brasileira, o que confere a relevância dessa narrativa não só com relação ao momento histórico à qual se refere à trama, mas também com relação ao momento na qual foi publicado, uma vez que se trata de um relato coerente do cotidiano e dos sofrimentos daqueles que não tinham força suficiente para opor-se ao sistema ervateiro que a Companhia promovia.

Em *Selva Trágica* temos além do teor histórico da narrativa, o teor social que faz menção aos sujeitos da narrativa, cuja significação remete a indivíduos reais, disposto em um contexto real. Georg Lukács (2011, p. 60) dispõe que na articulação do romance histórico "(...) trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica." Na trama de *Selva Trágica* a historicidade é demarcada pela ambientação e pelas informações históricas mescladas com as marcas ficcionais. O autor utiliza-se, pois, das vias da linguagem, para transpor as condições de trabalho, sobrevivência e submissão perante à Companhia ao leitor.

1.3 SELVA TRÁGICA: OS DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, SOCIEDADE E LITERATURA

Hernani Donato constituiu a partir do acervo social e histórico que detinha tendo em base o contexto ervateiro um romance com pluralidades de subtemáticas. O erval é a temática central, porém, a partir dessa esfera, obtemos várias vias de análise, uma vez que a partir do erval temos diversas projeções, sejam elas sociais, econômicas, psicológicas ou literárias. A via de análise aqui disposta faz menção às marcas literárias que podem ser apreendidas a partir do desenvolvimento da trama, a fim de se compreender como se articulam as relações sociais ocorridas no erval quando estas estão manifestas em nosso objeto de estudo – a linguagem.

Sendo assim, abordaremos a partir de agora as relações entre o contexto do erval e suas projeções discursivas, a fim de constatar quais as conexões que podem ser apontadas, tendo em vista o fator histórico e o trabalho elaborado aqui a partir da articulação do autor.

Vejamos a concepção de Jérri Marin (2003, p. 137) quanto ao estilo literário do autor Hernani Donato:

As narrativas de Donato caracterizam-se também por mesclar elementos factuais e fictícios e temas regionais e universais. Entre suas características pessoais, sobressaem-se as de pesquisador, ficcionista, sociólogo e historiador, e esses ofícios têm limites tênues em sua trajetória intelectual. [...] Nos romances históricos *Chão Bruto* e *Selva Trágica* Donato aproxima a escrita literária da histórica, ao escrever inspirado em fatos reais e dramatizar em cima deles. (MARIN, 2013, p. 137)

Relacionando a afirmação de Marin (2013) ao contexto de elaboração do romance *Selva Trágica*, podemos apreender que o estilo do autor vai muito além da mera descrição com relação aos fatos apresentados na narrativa. Donato (1976) elabora o seu romance a partir do estudo dos fatos que ocorrem nos ervais e transpõe todo o seu estudo e análise da atmosfera ervateira nas vias do discurso.

Há pontos na narrativa em que o autor articula a narração de modo em que alguns itens históricos fiquem omissos no nível do enunciado, mas não no nível da

enunciação. Exemplo disso é o modo como a Companhia Mate Laranjeira é apresentada na organização narrativa. A empresa é nomeada a partir dos indivíduos que compõem a obra como *Companhia*, e há uma breve menção sobre o fundador desta – Thomas Laranjeira – em toda a narrativa: “No oitocentos e oitenta e dois, começaram a fazer erva e um certo Dom Tomás, da comissão de limites, arranjou companheiros e armou a companhia” (DONATO, 1976, p. 105-166). Logo, um ponto de grande relevância é o fato de que o autor consegue articular a realidade do erval e a ficção literária partindo da esfera discursiva. Na narrativa de Donato (1976) podemos visualizar um processo literário que, por meio da linguagem, consegue dispor os indivíduos que por vezes são excluídos e marginalizados em primeiro plano, deixando a classe dominante implícita nos fatos que desencadeiam a narrativa. É também possível constatar, via discurso, como a percepção de mundo dominante – ainda que implícita nas ações das personagens - consegue condicionar os componentes do erval à triste realidade da esfera exploratória. Nesse sentido, temos uma narrativa que possui a capacidade de abranger tanto a esfera dominante quanto os indivíduos muitas vezes anulados pela história. Pode-se afirmar, portanto, que a narrativa de Donato (1976) privilegia no nível do enunciado os componentes menos favorecidos, mas ainda assim, consegue projetar as marcas de uma classe dominante que designa as ações dos homens e mulheres que constituem o erval. Partindo dessa perspectiva, temos as acepções de Marin (2010, p. 158):

Homens e mulheres estariam subjugados pela Mate Laranjeira, pela natureza e pelo meio social, tornados quase impotentes para lutar contra o sistema que os oprimia. Assim, estariam impedidos de libertarem-se dos conflitos individuais e coletivos. Ali, para Donato, tudo conspirava contra o homem, e às personagens estavam reservados destinos amargos e incertos. São vidas marcadas por perdas, violências e pelo despedaçar dos sonhos, desejos e ambições. (MARIN, 2010, p. 158)

Tendo em vista a concepção de Marin (2010, p. 158), vemos que muitos são os fatores aos quais as personagens da trama são submetidos. Outra informação importante se faz a partir da percepção de que além das forças capitalistas, o ambiente do erval é capaz de condicionar e modificar a perspectiva de mundo das personagens. O erval configura-se como um importante elemento para que o enredo e todas as ações nele

arraigados sejam compreendidos, uma vez que partimos do pressuposto de que o erval é o principal agente que rege os acontecimentos que permeiam a trama. Como ratificação da afirmação disposta, temos as palavras de Donato (1976), no prefácio no qual o autor explica de forma concisa e direta, a temática implícita na narrativa. Conforme as palavras de Donato (1976, s/p) “o personagem principal é a erva (...)”, e com o desenrolar da trama, percebemos que todas as ações que na narrativa decorrem, estão intrinsecamente ligadas ao próprio erval. A erva, ainda que componente principal para o desenvolvimento da narrativa, dá lugar a um acervo discursivo composto pelas personagens inerentes à trama. O trabalho que Donato (1976) executa em sua narrativa permite que possamos visualizar o erval por vários ângulos a partir da *ideologia*. A noção ideológica é apresentada nesta pesquisa a partir do viés teórico de Bakhtin/Volochinov, disposta no capítulo *Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem*, presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2014). As ocorrências da expressão *ideologia/cadeias ideológicas* nessa dissertação apresentam-se inerentes à perspectiva dos teóricos, em que o ideológico situa-se no social, situado entre indivíduos organizados, configurando-se como o meio de comunicação entre estes. A partir da temática da obra e de sua relação histórica-social com o contexto da primeira metade do século XX, podemos estabelecer um paralelo entre a narrativa – que faz menção à denúncia das condições de exploração imposta por uma classe dominante implícita – e os fatores implícitos no discurso das personagens.

Na perspectiva dos relatos das ações inerentes à narrativa, pode-se visualizar o quão desumana se configura a noção de trabalho no contexto dos ervais. A noção da precariedade e da miséria se destacam à medida que as referidas condições de exploração são resultado de uma visão pertencente à classe burguesa, uma vez que o êxito da mesma – na primeira metade do século XX – é reflexo das condições exploratórias às quais os desfavorecidos – financeira e intelectualmente – eram submetidos. A partir das informações acima dispostas, busca-se verificar como o processo de formação e desconstrução identitária das personagens são refletidas e explicadas não apenas no contexto literário, mas também no contexto sócio-histórico. Todo o romance se constrói em torno do ambiente do erval, logo, é nesse ambiente que as ações ocorrem e que as relações de poder se configuram. Todas as personagens, desde as mulheres dos ervais, os ervateiros e também os cargos

considerados de maior prestígio dentro do contexto do erval (os encarregados de manter a ordem no acampamento e nas minas da erva), estão inclusos em uma atmosfera na qual não há perspectiva de melhoria. A concepção de uma vida melhor coexiste com a realidade por meio de sonhos, que não encontram nenhum meio para se transformarem em realidade. Os anseios, as aspirações e os destinos dos indivíduos integrantes dos ervais estão submetidos à Companhia Mate Laranjeira, o que torna vã a luta por dias melhores no contexto do erval. A trama configura-se portanto eficaz quanto à apreensão da essência do indivíduo situado no erval e consegue transpor a referida essência no nível enunciativo.

Ao longo da narrativa vemos que um clima de conformidade perante o erval é assumido pelos personagens, uma vez que esses vão sendo cada vez mais, anulados pelas mazelas que o erval acarreta na vivência e nas lembranças de cada um dos indivíduos situados na cultura da erva. Tem-se portanto a representação de uma atmosfera social fruto de um contexto cultural refletido no nível da enunciação. Observemos as acepções de Diana Barros (1999, p. 1):

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um 'tecido' organizado e estruturado, quanto um objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico. Conciliam-se, nessa concepção de texto, ou na ideia de enunciado de Bakhtin, abordagens externas e internas da linguagem. O texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico. (BARROS, 1999, p.1)

A partir das considerações da autora podemos estabelecer a relação entre o discurso de *Selva Trágica* (1976) e suas projeções sociais e históricos via texto. A narrativa torna-se *objeto de uma cultura*, ou seja, a cultura ervateira. Na narrativa em questão, o que é colocado e afirmado no nível do discurso se articula a partir do teor sócio-histórico que rege a elaboração da narrativa. Para ilustrar essa afirmação, vejamos a afirmação de Antonio Candido (1972, p. 53):

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de

manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53).

Todas as ações manifestas na obra são produto de uma esfera social. Partindo dessa última afirmação, vejamos as considerações de Bakhtin (2014, P. 72) com relação ao discurso e ao social. Segundo os autores, a palavra se configura como

indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...] A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2014, p.27).

De acordo com a premissa acima disposta, todas as disposições discursivas são produto das transformações sociais. É a partir do teor intrínseco ao discurso que visualizamos as questões inerentes a uma determinada esfera social, seus componentes e a atmosfera na qual a mesma está arraigada. Tais fatores, ao serem observados, oportunizam ao interlocutor compreender as ações de determinada época no discurso, e visualizar os componentes da discursividade – vozes implícitas, ambientação, cronologia – via narrativa. Bakhtin (2002, p. 86) tece a seguinte consideração com relação ao enunciado e sua relação com o contexto de apresentação da narrativa:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

Pelo viés de Bakhtin (2002), podemos compreender que o enunciado em si apenas se configura consistente quando relacionado a um determinado momento histórico e suas nuances sociais projetadas no nível da linguagem. Sendo assim, o enunciado passa a ser produto das vozes inerentes ao enunciado e também das vozes

extrínsecas ao enunciado em si, mas que possuem a capacidade de influenciar a articulação do enunciado. Os fios dialógicos, conforme coloca o teórico, partem do processo interacional compreendido pelos sujeitos do erval, em que atuam forças ideológicas inerentes ao discurso, e a partir dessas forças, temos a configuração do diálogo social, sendo este marcado pela relação entre a enunciação e o contexto na qual esta se encontra inserida. O discurso de uma determinada *ideologia* precisa de vias discursivas para ser propagado, o que ocorre tanto no nível do enunciado quanto no nível da enunciação. Quanto a estes dois níveis discursivos, temos a aceção de Hilgert (2007, p.70), em que

Entendemos por enunciação o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário um fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o enunciado. (Hilgert, 2007, p. 70).

Relacionando a fala de Hilgert (2007) ao contexto aqui disposto, podemos compreender que o nível da enunciação afere um teor persuasivo e altamente argumentativo, submetendo o destinatário/interlocutor à um nível interpretativo subjugado à visão de mundo implícita no nível da enunciação e manifesta no nível superficial do discurso – o enunciado.

Em *Selva Trágica*, temos como exemplo da articulação intrínseca e extrínseca ao discurso, o fato de a voz das personagens englobadas pelas atmosfera ervateira manifestar-se com relação ao erval e contar, ao mesmo tempo, com a interferência de vozes que, implicitamente, norteiam toda a articulação das personagens no sentido enunciativo. Para a melhor compreensão do que foi disposto, exemplifiquemos com excertos da narrativa. Os fragmentos que se seguem são referentes a dois personagens de grande relevância dentro da trama, sendo eles *Curê* – o administrador do acampamento ervateiro e regente de todas as ações que nele decorrem -, e *Pytã* – trabalhador do erval responsável pela coleta da erva-mate nas minas. Nesse momento, nos ateremos às questões voltadas ao discurso e ao enunciado em si, a fim de reconhecer e ratificar o teor dialógico, social e histórico manifestos no nível literário/discursivo que os enunciados de cada um desses componentes da trama apresentam. Logo, haverá uma breve disposição do plano narrativo no qual ambas as

personagens estão inseridas e, a seguir, apresentação das vozes discursivas inerentes a ambos os discursos.

A cena que se segue refere-se a um conflito entre as personagens *Curê* e *Pytã*, conflito que ocorre em virtude de uma punição a qual a personagem *Pytã* é submetida em virtude de uma tentativa de fuga frustrada das dependências do erval. No excerto a seguir, a personagem *Curê* apresenta ao mineiro sua situação no erval com relação às dívidas que tem para com a Companhia. Observemos o primeiro enunciado, que refere-se a uma articulação a partir do pensamento de *Pytã*, mediante o uso discurso indireto livre: “Trabalhando até à noitinha faria as dez arrobas do contrato. Com mais quatro dias de bom rendimento pagaria suas dívidas. Pelos anjos de Deus, não podia falhar! (...)” (DONATO, 1976, p. 161)³.

O enunciado da personagem *Pytã* é de grande complexidade quanto à esfera social pela qual é englobada. Notamos que o discurso da personagem é contaminado pelas vozes produto das promessas feitas aos ervateiros anteriormente à sua chegada no acampamento destinado a extração de erva-mate. Porém, temos uma informação muito relevante no que se refere à personagem já citada. Essa personagem não é um indivíduo que compõe o erval há pouco tempo.

Pytã, ao longo da trama, revela-se um trabalhador centrado, conhecedor das armadilhas do erval, uma vez que já está inserido nele há longa data, porém, podemos visualizar em seu discurso que a sua articulação ideológica, uma vez projetada na atmosfera ervateira, ainda apresenta resquícios das vozes que um dia interagiram com a sua visão de mundo e acabaram por contaminar tanto a sua perspectiva quanto o seu discurso em si.

Em segundo momento, temos a personagem *Curê* em discurso direto. Vejamos:

“- Aha! Está pensando nas suas dívidas? Esquece delas. Mandei ver suas contas. Mesmo que o resto do erval fosse reservado como tarefa sua, você não poderia pagar tudo dessa vez. (...) Você é um bom macheteiro e a Companhia dá valor aos que trabalham bem.” (DONATO, 1976, p. 161)

³ O excerto em questão refere-se à reflexão da personagem *Pytã* com relação ao total de seu endividamento no erval. Com a fuga de *Pablito* e *Flora*, *Pytã* é castigado pelo administrador do erval, e à sua dívida – anteriormente a esse fato quase liquidada -, é acrescido um outro valor, de forma injusta, com a única intenção de puni-lo pela fuga de seu irmão, *Pablito*.

A partir da articulação discursiva de *Curê*, podemos notar o quão influenciado é o discurso da personagem pela visão da Companhia. Em um plano hierárquico, *Curê* está acima de *Pytã*, porém muito abaixo das hierarquias de alto calão. Visualizando ambos os personagens, vemos que eles estão inseridos na atmosfera ervateira, desprovidos de uma perspectiva de melhora.

O enunciado manifesto a partir da personagem *Curê* é influenciado por vozes exteriores. Uma dessas vozes é a visão de mundo que a empresa responsável pelos ervais – Companhia Mate Laranjeira – promovia aos seus encarregados. A afirmação “a Companhia dá valor aos que trabalham bem.” (DONATO, 1976, p. 161) não é produto do discurso da personagem *Curê*, mas sim de uma empresa que articula a perspectiva de mundo aos seus subjugados e dissemina a partir desses sujeitos.

A partir desse breve paralelo, podemos visualizar que as relações discursivas dispõem de subsídios enunciativos para que possam ser firmadas. Todo o romance é composto por vozes que dialogam entre as nuances ficção e realidade, história e contexto socioeconômico, perspectiva e frustração. Seguindo a linha de Bakhtin (2002), o enunciado configura-se como existente quando analisado perante os fatores que compõem a sua elaboração. Logo, todas as vozes que dialogam, não somente com o texto, mas também com a história e a sociedade, devem ser levadas em conta, a fim de que se construa um elo coerente entre o inerente e o externo à linguagem, resultando na conversão das estruturas históricas e sociais em aspectos diretamente ligados ao enunciado, à língua e à literatura. Nesse sentido Bakhtin/Volochinov (1979, p 17), afirma que o discurso “reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior”, logo, compreende-se que a discursividade deve partir de um pressuposto que lhe forneça subsídios para a sua coerência.

Com relação aos sujeitos inseridos no erval cabe aqui ressaltar como o teor individual de cada um deles é captado por Donato. Para que possamos avaliar as relações literárias que o autor estabelece entre sujeito, ambiente e linguagem, nos utilizaremos de uma determinada abordagem teórica, a fim de estimar as correlações que decorrem na narrativa a partir do discurso. Os parágrafos que seguem apresentam como foco de abordagem a relação entre a *onisciência seletiva múltipla*, disposta por Friedman (2002), e o aspecto discursivo em *Selva Trágica*, narrativa elaborada por Hernani Donato. A partir dessa relação busca-se compreender como a designação disposta por Friedman (2002) pode ser aplicada ao nível do discurso da

narrativa e quais são os reflexos dessa articulação no nível do texto. Citando Friedman (2002, p.177), temos que, de acordo com a *onisciência seletiva múltipla*,

[...] a história vem diretamente das mentes dos personagens à medida que lá deixa suas marcas. Como resultado, a tendência é quase inteiramente na direção da cena, tanto dentro da mente quanto externamente, no discurso e na ação; e a sumarização narrativa, se aparece de alguma forma, é fornecido pelo modo discreto do autor, por meio da direção da cena ou emerge através dos pensamentos e palavras dos próprios personagens. (FRIEDMAN, 2002, p. 177)

Sabendo-se que a narrativa apresenta alto teor histórico, uma vez que dispõe as condições de trabalho e sobrevivência no ambiente ervalteiro inerente às primeiras décadas do século XX, a história constrói-se a partir da vivência das personagens, suas percepções de mundo e das memórias que cada um traz consigo. Cada um dos personagens compõe uma perspectiva narrativa, uma vez que a história é articulada discursivamente a partir dos componentes do erval. A constituição do erval e de toda a esfera por ele permeada só se faz possível devido às marcas impressas por cada um dos personagens, e as ações – sejam elas ocorridas no momento da apresentação da cena ou provenientes de uma digressão/flashback – ocorrem sob a perspectiva da personagem, logo, as percepções de mundo da personagem atuam como subsídios para a elaboração da cena. Vejamos um fragmento exemplo, que explicita os fatos enunciados pela visão da personagem *Pytã*, fatos esses situados no nível memorialístico. O excerto a seguir tem sua enunciação a partir do diálogo entre as personagens *Augusto* e *Pytã* com relação à uma fuga dos ervais.

- Tontices! Vi dezenas de mineiros pular no mato mas são menos do que os meus dedos o que atravessaram o rio. Quem não voltou amarrado e acabou no chicote, morreu baleado por aí. Nos ervais ninguém chega a velho. Você sabe de alguém com mais de cinquenta anos nos ervais? (DONATO, 1976, p. 17)

O fragmento em questão é proveniente de uma série de diálogos sem interferência do narrador. As informações com relação à hostilidade do trabalho e a baixa expectativa de vida são fornecidas pela enunciação de *Pytã*. A articulação

discursiva da personagem apresenta-se sem a inferência do narrador devido às marcas lexicais e sintáticas do enunciado. A expressão *tontices* é uma marca lexical que apresenta de antemão a identidade rústica da personagem. Além disso, a sentença *Vi dezenas de mineiros pular no mato* demonstra, a partir da ausência de concordância verbal, o não domínio da língua em norma culta, o que culmina na apresentação da personagem a partir de sua própria enunciação.

Façamos então a apresentação dos excertos que ratifiquem as afirmações anteriormente colocadas. Ao contrário do excerto anterior, os fragmentos a seguir não são retirados de diálogos explícitos, mas sim da enunciação do narrador. Veremos em alguns trechos que a *onisciência seletiva* múltipla se revela por vezes no discurso do narrador, discurso esse sem demarcações entre personagem e narrador, uma vez que encontramos o discurso contaminado pelo teor memorialístico das personagens.

O excerto a seguir refere-se à cena em que as personagens encontram-se no processo do descobrimento de outra mina para extração da erva-mate. *Bopi* é um dos trabalhadores antigos do erval. A partir dos fatos que ocorrem com as personagens, temos a descrição do espaço ervateiro e de seus componentes.

Bopi esperou o rapaz escorregar do coqueiro e recolher a peia. Foi quando viu que o Pablito punha sangue pelo nariz. O calor, o dia inteiro andado no mato de sapé e de caraguatá, não eram coisas de se pedir duas vezes a Deus. (DONATO, 1976, p. 10)

Temos a constituição da cena a partir da personagem *Bopi*, uma vez que é pela perspectiva da personagem que temos o desenrolar dos fatos. A interrelação entre personagem e narrador diante de um só discurso pode ser disposto a partir do uso dos artigos que, ainda que inseridos no discurso no narrador, demonstram um elo de proximidade entre a personagem da qual se tem a perspectiva do fato e o personagem/ato a ser observado. Vejamos: “*Foi quando viu que o Pablito punha sangue pelo nariz*”. Temos no uso do artigo a marca da expressão oral que parte da percepção da personagem. Esse artigo configura-se como uma marca que ressalta discursivamente a decorrência da *onisciência seletiva* da personagem, uma vez que o fato insurge discursivamente por meio dos pensamentos e palavras dos próprios personagens.

Ainda tendo como subsídio a articulação entre os componentes da narrativa anteriormente citados, vejamos este outro excerto, que se refere ao ponto em que as personagens *Pablito*, *Pytã* e *Lucas* estabeleceram pouso após um dia de procura por novas minas de extração da erva.

Onde o sapezal enfiava uma ponta no mato fizeram alto, com o cantar do riacho às costas e a promessa de lua pela frente. *Gostosura de lugar!* (...) a noite quente se abria em estrelas. A clareira cheirava a tipichá, iuqueri e chivataguaçu – plantas amigas que perfumam as trevas lenindo a solidão do homem. (DONATO, 1972, p. 10, grifo nosso)

No fragmento acima, conseguimos identificar uma ruptura discursiva com relação aos enunciadores (*Gostosura de lugar!*). Essa ruptura ocorre sem a interferência de marcadores discursivos, como aspas e/ou travessão. Um discurso permeia o outro concomitantemente. Temos a descrição do narrador com relação ao local em que a cena se dispõe e temos, em seguida, o contraste do discurso de uma outra voz – não identificada no contexto do excerto. Porém, vemos que esse discurso é produto de uma provável *onisciência seletiva* de algum dos membros do erval. Esse contraste articula-se tanto no nível semântico quanto no nível sintático. A disposição da sentença e a entonação a ela conferida por meio do ponto de exclamação rompe a descrição do narrador e dá espaço a uma nova voz, voz essa inserida no contexto do erval, enunciada por um actante não explícito. Temos então a decorrência do *discurso indireto livre*. Se nos embasarmos em Bakhtin/Volochinov (2014) acerca dessa questão discursiva, podemos compreender que

(...) a tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo, mas sim nas formas da enunciação. Antes de entrar numa construção indireta, eles passam de formas de discurso a conteúdo ou então encontram-se transpostos na posição principal de um comentário do *verbum dicendi*. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 165)

Quando visualizamos a sentença “*Gostosura de lugar!*”, temos uma projeção de afinidade do enunciador com o enunciado, porém, notamos que esse enunciador

não provém do mesmo local do ato de narração até então disposto na tessitura do parágrafo. Logo, temos a transição de um discurso inerente à ambientação na qual se manifesta, à uma enunciação mais próxima da dicção oral. Esse processo é realizado de forma dinâmica, transpondo as marcas discursivas do discurso direto para o discurso indireto livre, constituindo-se como a introdução de uma citação alhures às marcas dos actantes, da ambientação e da cronologia da narração, concordando para a ruptura lexical, sintática e semântica no enunciado.

No excerto a seguir ocorre o contraste narrativo, porém de modo mais complexo. O contraste ocorre interno tanto no nível do discurso quanto no nível do enunciado. No excerto “Os mineiros não gostam que haja sonhos durante a noite para não *perder minuto* do sono precioso.” (DONATO, 1976, p. 15, grifo nosso), o narrador articula a sua descrição e em meio a ela surge uma ruptura sintática [*não perder minuto*], projetada de imediato no nível semântico, uma vez que em meio à descrição por parte do narrador ocorre o uso de termos dispostos por outra voz, termos esses que são dispostos por parte de quem compõe o erval, pois a voz mostra-se familiarizada com o ambiente ervateiro. Temos então mais um indício de *onisciência seletiva*.

O fragmento a seguir remete à perspectiva do mineiro perante a sua situação. A descrição a seguir ocorre devido à *onisciência seletiva* de uma voz inserida no contexto do erval. No corrente excerto, o ervateiro está imerso em seus pensamentos e conclusões com relação à vida miserável à qual é submetido. Há a intervenção do narrador para que o discurso chegue ao leitor, porém toda a cena é articulada tendo em vista a perspectiva do ervateiro. Temos uma narração que parte do macro para o micro, uma vez que temos o cenário no qual ocorre a cena, o ervateiro e, por fim, o fluxo de suas memórias. É importante observar que os períodos no fragmento a seguir são breves e rígidos, fato que articula-se de imediato com a condição do membro do erval, uma vez que este, conforme o fragmento não dispõe de forças para manifestar-se, e o máximo que pode fazer é pensar em tudo aquilo ao que está direta ou indiretamente submetido.

Meio dia. Avançavam pelo tapê, pernas duras, passadas curtas (...). Não há com quem trocar palavras e quase sempre não há forças para falar. Podem apenas pensar. Pensam nas histórias vividas ao longo dos tapês e que

marcarão a lembrança de cada erval nas suas sofridas memórias. (DONATO, 1976, p. 21)

O último fragmento aqui analisado parte mais uma vez da correspondência entre o discurso do narrador e da personagem, porém, nesse excerto, o teor descritivo ocorre predominantemente por parte da personagem, tanto no nível memorialístico quanto no nível do próprio discurso em seu sentido explícito. Notamos que a descrição da cena conta com sentenças breves. No nível da linguagem, podemos considerar a brevidade dessas sentenças como uma marca discursiva relacionada diretamente aos sujeitos que executam a ação. A expressão “*meio dia*” sugere um fato enfadonho e cotidiano ao qual os ervateiros encontram-se acostumados e condicionados. Estes não apresentam forças para revoltarem-se contra o sistema, por estarem demasiadamente esgotados tanto fisicamente (*avançavam pelo tapê, pernas duras, passadas curtas / quase sempre não há forças para falar*), quanto mentalmente (*Pensam nas histórias vividas ao longo dos tapês e que marcarão a lembrança de cada erval nas suas sofridas memórias.*). O tom memorialístico empregado exerce um teor trágico sobre o sujeito em questão. As memórias, que deveriam ser inatingíveis perante a visão de mundo da Companhia, mostram-se completamente impregnadas pela sensação de frustração e miséria.

Analisemos um último fragmento compreendido pelas acepções aqui apresentadas:

Assim como assim, no fim das contas o melhor era continuar tendo a mulher do que mandá-la embora. *Vida dura com mulher, vida muito mais dura sem mulher.* (...) Importante mesmo era cortar e transportar a erva. Olha ali outra noite chegando! Vai ser muito bom poder dormir. (DONATO, 1976, p. 33, grifo nosso)

Nesse excerto temos a *onisciência seletiva* compondo a percepção do trabalhador ervateiro. A partir desse recurso, conseguimos compreender o íntimo da personagem e a sua visão perante o relacionamento homem/mulher e a necessidade deste na esfera ervateira. No sentido discursivo, vemos a mescla dos dois níveis (narrador e personagem), como ressaltado no trecho em itálico acima disposto. A

referida onisciência é projetada no discurso a partir da manifestação do discurso indireto livre, que atua como um mecanismo pelo qual o ponto de vista inerente à narração articula-se. Ocorre então a modulação da linguagem, uma vez que o narrador e a personagem apresentam seus discursos mesclados, pois não há nenhuma marca gráfica – aspas ou travessão – demarcando o início ou o término da participação de ambos no nível do enunciado. Essa modulação é oportunizada pela *onisciência seletiva* uma vez que a cena compõem-se a partir dos índices enunciativos da personagem, projetados pelo narrador.

Como nos trechos anteriores, o narrador dispõe aquilo que é dado de antemão pela personagem, e é a partir de seu ponto de vista que decorrem as descrições cênicas, a abordagem do teor psicológico das demais personagens e a disposição das ações ocorridas no erval, seja de forma individual, ou de forma coletiva.

Todos os índices históricos e sociais presentes na trama são manifestos via linguagem a partir do trabalho discursivo do autor. A narrativa de Donato oferece ao leitor o viés de uma história não contada, uma vez que em meio às vozes dominantes, temos as vozes veladas daqueles que foram oprimidos, mas que tiveram sua relevância para que o êxito de uma determinada classe pudesse ser alcançado. A história vivida ervais, encoberta por vezes pelo sucesso da Companhia Mate Laranjeira é, ficcionalizada, porém, não perde sua conexão com o que de fato ocorreu, bem como salienta condições de exploração que não foram levadas em consideração no momento histórico em que aconteceu. Todos os indivíduos reais que marcaram a vida dos milhares de trabalhadores ervateiros e também de outros sujeitos inertes ao regimento da Companhia são dispostos por Donato nas vias discursivas e nos fios dialógicos que regem o discurso e sua articulação.

A atmosfera conferida ao erval não deixa espaço para sentimentos afáveis, muito pelo contrário, as relações são baseadas na hostilidade e no comportamento distante entre as personagens. Na trama não visualizamos relações sólidas entre os indivíduos, e quando elas ocorrem, são desconstruídas pelo convívio social e pelas adversidades enfrentadas nos acampamentos. Exemplo da referida acepção faz menção às personagens *Pytã* e *Pablito*, que apesar de nutrirem o sentimento fraterno, tem seus destinos traçados e condicionados pelo regimento da Companhia. A selva abordada na narrativa não se configura apenas como a selva natural, remetendo também às relações sociais às quais os indivíduos são subjugados. A selva marcada

pela tragicidade molda os indivíduos nela inseridos, determina as percepções de mundo e absorve toda e qualquer noção de desenvolvimento e/ou progresso dos sujeitos que constituem o erval, seja nas minas de extração, nos acampamentos, ou no processo de manejo da erva.

Quando o autor apresenta a abordagem voltada a perspectiva daqueles que fizeram parte desse momento, simbolizados por caracteres fictícios, notamos a consciência literária do autor aliada à sua consciência histórica a partir dos índices do discurso. Tendo isso como base, podemos depreender que a literatura, com fins na descrição e disposição dos fatos velados, pode enaltecer aspectos até então despercebidos pela sociedade e constituir-se como um subsídio para que os fatos que hoje decorrem, tenham uma explicação em um passado por vezes remoto, e tais fatos podem ser concebidos a partir da linguagem e de seus índices enunciativos, implícitos no discurso de cada um dos componentes da história narrada.

2 AS FACETAS DO NARRADOR EM *SELVA TRÁGICA*: TENSÕES ENTRE AS MARCAS OBJETIVAS E SUBJETIVAS IMPRESSAS NA NARRAÇÃO

O romance *Selva Trágica*, ainda que se configure de cunho social e retrate uma perspectiva dos fatos que ocorreram a partir da extração da erva-mate sob os domínios da Companhia Mate Laranjeira, faz-se necessário verificar como o autor articula os sujeitos constituintes da trama e qual a relação dessa articulação para com o enredo da narrativa. Um desses indivíduos que apresenta extrema relevância na elaboração da trama é o narrador. Donato utiliza-se do narrador de forma muito peculiar, uma vez que é a partir deste e de suas características inerentes à narração, que transpõe ao leitor as perspectivas a serem consideradas, tendo em vista a história que está sendo colocada nas vias do texto.

O capítulo em questão tem como intuito abordar as duas inclinações às quais o narrador é submetido e como cada uma dessas inclinações confere uma atmosfera diferente à narrativa. Partindo da premissa de que as duas modalidades do narrador aqui apresentadas configuram-se de caráter onisciente em primeira instância, veremos como a referida onisciência é articulada e transposta em dois planos. Notemos, a priori, a acepção de Norman Friedman (2002, p. 173) quanto à noção de *onisciência*.

“Onisciência” significa literalmente, aqui, um ponto de vista totalmente ilimitado – e, logo, difícil de controlar. A estória pode ser vista de um ou de todos os ângulos, à vontade: de um vantajoso e como que divino ponto além do tempo e do espaço, do centro, da periferia ou frontalmente. Não há nada que impeça o autor de escolher qualquer deles ou de alternar de um a outro o muito ou pouco que lhe aprouver (FRIEDMAN, 2002, p. 173)

A *onisciência* conforme disposta por Friedman (2002, p. 173) é articulada na trama a partir da premissa de que vários são os núcleos das personagens do erval, logo, vários são os ângulos a partir dos quais a história é narrada. O narrador atua em sua função base – a de narrar –, e também cede espaço para que a modulação em

sua voz seja possível. Logo, a narrativa é enunciada tanto pela voz do narrador, quanto pelo plano de expressão do discurso das personagens.

Observemos: “Chegou o sábado. Com o sol, deram tiros, gritos, abraços. Gritaram *Aleluia! Aleluia!* Era o sábado festivo. Depois entregaram-se ao melhor da festa” (DONATO, 1976, p. 149, grifo nosso).

No recorte em questão temos o modo psicológico – o estado de ânimo – das personagens enunciadas a partir do narrador. No caso do recorte, o narrador apropria-se do discurso das personagens, o que culmina na modulação do seu discurso, para que a ambientação e os fatos sejam apresentados na narração.

Donato articula os ângulos da narrativa e confere ao narrador a tarefa de promover as perspectivas e suas projeções no âmbito do texto.

A primeira faceta do narrador considerada faz menção ao *narrador câmera*. Ainda segundo as concepções teóricas de Friedman (2002) quanto às noções foco narrativo mediante o texto, o fator *câmera* ocorre quando o ponto de vista da ação apresenta-se com o intuito de imprimir o *pedaço da vida* de forma como ele ocorre, sem que seja necessária uma organização ou escolha, e essa impressão aconteça mediante ao *medium do registro*. Em *Selva Trágica*, o narrador atua como *medium do registro* que se volta para o cotidiano do erval, observa e narra, conforme acontece, a sequência de fatos inseridas na rotina do mate. Observemos o trecho em que ocorre a narração da preparação diária do trabalhador do erval, preparação essa que ocorre de modo quase mecânico, em virtude da fastidiosa rotina à qual o trabalhador é submetido:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, as aves dormem ainda e o mineiro estremece. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a *plantilla*, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados da comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim. (DONATO, 1976, p. 17)

No fragmento acima temos a descrição, sem a interferência do narrador. Este descreve os fatos como acontecem, sem inclinação pessoal às ações que decorrem. Temos aqui então, uma segunda designação de Friedman (2002) para o narrador, o

narrador onisciente neutro. A partir da perspectiva desse narrador não há nenhum tipo de intervenção e a cena é disposta conforme ocorre. Notemos ainda na cena acima descrita que todos os indicadores linguísticos colaboram para a constituição de uma cena enxuta, sem o excesso de descrições. Com isso, temos a circunscrição de uma cena em si, composta por pequenas ações que a constituem. Vejamos: “Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a *plantilla*, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados da comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim” (DONATO, 1976, P. 17). A forma como a sucessão de ações é conferida ao texto, bem como o uso de orações curtas e pausadas, em virtude do uso reiterado da vírgula, promove a quebra da visualização da cena de forma conjunta. O leitor constitui a cena ao passo que o narrador fornece as descrições dos fatos que acontecem. Logo, a elaboração da cena em si só é possível mediante à função do *narrador câmera*, que atua como a lente que faz a mediação entre leitor e tempo/espço da cena. A narração apresenta-se de cunho objetivo, uma vez que as ações são narradas de modo com que a cena constitua-se com demasiada objetividade, não se utilizando de nenhuma marca de teor pessoal por parte do narrador.

Em um segundo momento, nos atentemos a uma outra faceta do narrador, que assume características divergentes das apreendidas no primeiro ponto abordado no parágrafo anterior. O narrador a ser apresentado aqui, nos excertos que seguem, apresenta em seu discurso uma voz que promove o senso de afetividade entre as instâncias discursivas, o que promove o âmbito subjetivo à tessitura da trama. Vejamos como essa afirmação articula-se mediante ao texto e quais os reflexos semânticos que são projetados tanto no nível da enunciação quanto do enunciado.

O excerto a seguir refere-se ao encerramento das festividades da Páscoa. A atmosfera resultante das comemorações é tediosa, e o que resta aos indivíduos que compunham o ambiente é recuperar-se dos excessos e preparar-se para a época do manejo da erva, atividade que exigirá muito além das suas condições físicas.

Surgiram velas a cercar o madeiro com chamas vacilantes pois o vento era o hálito morno da boca da noite. Homens e mulheres suavam o suor da embriaguez, do entorpecimento. Tinhas as mãos untuosas da gordura dos últimos churrascos, da poeira dos últimos bailes e exsudavam os humores azedos de sete dias em abusiva promiscuidade. (DONATO, 1976, p. 155)

No fragmento acima, o autor articula a projeção linguística do narrador de tal forma que este se distancia da questão descritiva e não foge de sua *onisciência neutra*. Notemos que no fragmento apresentado o enunciado é composto por uma linguagem repleta de conjunturas estilísticas. O texto enunciado pelo narrador é constituído com tamanha carga subjetiva que faz ressoar a demasiada – e também complexa - plasticidade à constituição da cena.

Com relação ao índices estilísticos que compõem o fragmento, notemos a articulação linguística e literária pela qual passa o discurso disposto no enunciado. Temos figuras como a prosopopeia relativa aos elementos, uma vez que eles se personificam e assumem a função de sujeito da ação, como em “*velas a cercar o madeiro*”, deixando os indivíduos do erval em segundo plano, inclinando-os aos desígnios da natureza presente no ambiente. A metáfora também é outra figura de extrema relevância na composição desse excerto.

No referido enunciado, vemos que os fatores compreendidos pela natureza tornam-se sujeitos das ações. O indivíduo está submetido às questões naturais, e submetido a uma esfera que não pode compreender, nem dominar. Essa acepção vai de encontro ao que afirma Hernani Donato, no prólogo de *Selva Trágica*. A erva constitui-se como personagem principal, é a partir dela e por meio dela que as ações decorrem e os homens agem.

Em “ (...) o vento era o hálito morno da boca da noite” (DONATO, 1976, p. 155), compreendemos a forte carga de significados que só pode ser compreendida em vias da análise estilística mediante ao teor semântico. A partir do enunciado, tem-se a descrição plástica dos ânimos dos indivíduos. As expressões “hálito morno”, “boca da noite”, “suor da embriaguez e entorpecimento” e “promiscuidade” constituem a inerência com o estado psicológico das personagens, estado esse marcado pelo fim de um período dotado de excessos, que tem como intuito suprir a escassez dos árduos tempos do erval.

Com relação ao discurso empregado no texto da trama, há a recorrência de manifestações que fazem imperar a natureza com relação ao homem. Observemos o fragmento seguinte: “O mato não está a favor dos fugitivos. Fechado, ruidoso, agressivo.” (DONATO, 1976, p. 81) Temos nesse fragmento outra menção à natureza em sua supremacia com relação ao indivíduo. Na construção do enunciado,

percebemos a articulação manifesta no discurso, a fim de promover a grandeza de uma esfera em relação à outra.

Outro ponto a ser destacado em ambos os excertos é a aproximação do enunciado projetado pelo narrador à dicção oral – *humores azedos*. Essa aproximação promove a caracterização do ponto de vista a partir das personagens.

Toda a subjetividade conferida ao enunciado só é coerente com a figura do narrador a partir do momento em que ele se desloca de seu foco narrativo central e atua como a projeção da voz coletiva. Como o narrador de Donato, em *Selva Trágica* é imparcial, ele só pode conter em seu discurso formas tão singulares e subjetivas se permear o ponto de vista dos indivíduos que compõem o sumário narrativo. Fechando essa abordagem, consideremos um último fragmento que faz menção ao narrador e à carga subjetiva impressa em sua narração. Consideremos o excerto a seguir: “O vento e o dia se aquecem esfregando a luz avermelhada contra o farfalho das bocaiuvas. É o tempo de o vento descer dos morros e acossar a gente e os bichos com o cheiro das frutas e do capim cacheado” (DONATO, 1976, p. 168).

A articulação executada no narrador, a partir da interferência do autor, confere a ele onisciência necessária para que haja determinada flexibilidade quanto à exposição de diferentes pontos de vista. O narrador não se envolve com as ações que decorrem na trama e também pode ceder a sua perspectiva para que outros sujeitos, de modo sutil façam uso dela. Devido a isso incidem, no decorrer da trama - a partir dos recursos discursivos que serão explicitados posteriormente - as interferências dialógicas e o embate de vozes implícitos no discurso do narrador. Este sujeito atua, portanto, como uma projeção das vozes tanto individuais quanto coletivas que permeiam a construção da narrativa. É a partir do narrador que são fornecidos os subsídios para a construção da *cena* e do *sumário narrativo*⁴, além da caracterização das personagens em relação à ambientação do romance e da projeção dos seus discursos no âmbito do enunciado.

A figura do narrador constitui o relevante elo entre as questões voltadas ao enunciado e à enunciação, pois é a partir das suas disposições que se nota as

⁴ Friedman (2002, p. 172) afirma que o sumário narrativo se faz do “relato generalizado de uma série de eventos cobrindo alguma extensão de tempo ou variedade de locais”, já a cena volta-se para os detalhes peculiares voltados aos sujeitos da trama – tempo, espaço, ação, personagens.

interferências dialógicas, bem como as noções sócio-históricas que compõem o romance.

A articulação do narrador ocorre de modo complexo no romance. Por vezes o narrador situa-se na tênue linha entre o estabelecimento de seu discurso e as demais personagens. Sendo assim, o narrador ora manifesta-se em relação aos fatos, configurando-se objetivo e imparcial, mantendo uma perspectiva distante de qualquer mazela que ocorra a personagem, agindo exclusivamente como sujeito que narra os fatos, sem deles compadecer-se ou esboçar qualquer plano de comoção; e em outros momentos cede a sua voz a alguma personagem e acaba mesclando-se – por meio do discurso indireto livre – à percepção da realidade da personagem. Outro fator de grande complexidade conferido à articulação do narrador faz relação à modulação do discurso. O narrador, via articulação autoral, modula o próprio discurso deixando-se contaminar por um discurso alheio ao seu. Outro fator de grande relevância que faz referência ao narrador é o fato dele configurar-se como sujeito impotente com relação ao erval. Sua perspectiva objetiva faz com que o mesmo permaneça distante da realidade à qual narra e centre-se por vezes no teor descritivo da narração. Logo, nenhuma ação para alterar os rumos da história parte do narrador. A relação que este estabelece com os fatos que decorrem no desenrolar da história promove um afastamento das questões comuns. A partir desse afastamento conferido ao leitor pelo narrador, nas vias do discurso, há uma tensão com relação às sensações atribuídas aos fatos que decorrem.

Como não se visualiza uma abordagem emotiva e subjetiva com relação às questões dispostas no erval, não há como estabelecer demasiada afinidade com as situações narradas. É esse distanciamento entre o narrador e a narrativa que oportuniza a manifestação de um narrador culto. Este se articula ciente das problemáticas que permeiam o erval, porém manifesta-se impassível aos fatos. O narrador em *Selva Trágica* promove a racionalização do sentimento, logo, a subjetividade perde espaço para a narração.

Vejamos dois excertos que ilustram as afirmações acima colocadas. O fragmento a seguir refere-se à morte de uma criança, filha de um dos ervateiros. O primeiro excerto faz menção ao posicionamento da personagem *Curê* - administrador do acampamento, mediado pela enunciação da personagem *Mestre Uru* -, com relação ao falecimento da menina. O segundo fragmento relaciona-se ao

posicionamento do narrador, marcado pelo campo ideológico do erval. Em ambos, notemos como o distanciamento dos enunciadores ocorre diante aos fatos, e como a subjetividade do acontecimento fica em segundo plano, em prol da objetividade da narração:

(...) o mestre uru, murmurando: - Aquele atacador, sabe? O mais velho? Tinha uma filha. A filha morreu esta tarde. O administrador não deixou que a mulher viesse contar. Para que não prejudicasse o ataqueio. Agora vou lá, ajudar a passar a noite. (DONATO, 1976, P. 95)

Fosse do que fosse a menina estava morta. Não foram contar logo ao pai para que ele completasse o ataqueio de trinta bolsas diárias. Isso até que era um tanto bom, porque sendo apenas menina exigia menos tempo e despesas com o velório, as bebidas e as danças. (DONATO, 1976, P. 95)

Os fragmentos acima apresentam enunciadores divergentes. O primeiro é enunciado pela voz de um dos indivíduos do erval e o segundo pelo narrador. Em ambos podemos visualizar o processo descritivo diluir a subjetividade, ainda que no segundo fragmento essa diluição aconteça de um modo mais rígido, uma vez que o narrador configura-se impassível ao fato do falecimento, e ainda contrapõe pontos articulados de modo positivo em sua enunciação – *“fosse o que fosse a menina estava morta (...); “(...) menos tempo e despesas com o velório, as bebidas e as danças.”* O discurso do narrador apresenta a imparcialidade de forma implícita, uma vez que seu discurso está pigmentado pela visão da Companhia. A menina que acabara de falecer representa menos dinheiro a ser dispensado, o que poderia ocorrer de modo contrário, uma vez que, pelo viés da Companhia, uma criança do sexo masculino morta geraria maiores prejuízos, uma vez que além dos gastos com o funeral, a empresa também contaria com um ervateiro em potencial a menos.

A diluição da subjetividade está implícita na trama, porém, plenamente desconstruída, tensionando a leitura para o aspecto objetivo do trabalho nos ervais. Analisando o distanciamento do narrador mediante os acontecimentos, podemos considerar que há também a nuance da impotência do narrador em face das ações às quais narra. Temos em ambos os fragmentos uma só *ideologia* refratada sob duas perspectivas – a do indivíduo inserido no ambiente do erval, e a do narrador. Uma questão interessante a ser notada é o fato de que essa perspectiva afeta o discurso

de ambos de mesma forma – promovendo um sentimento de impotência e do fatalismo perante os fatos, restando apenas o ato de narrar, sem que se possa interferir na execução das ações. Logo, o senso de impotência do narrador culmina, discursivamente, em uma narração objetiva com linguagem descritiva porém desprovida de excessos. As nuances subjetivas só são plausíveis devido à modulação do discurso, no entanto, as referidas nuances e a descrição objetiva tensionam-se, e o que sobressai é o tom impessoal, rígido, e por vezes ríspido, do discurso, o que pode ser compreendido como a representação do ambiente a partir do qual é enunciado.

3 A OBLITERAÇÃO DOS SUJEITOS PRESENTES EM *SELVA TRÁGICA*

O romance *Selva Trágica* apresenta em seu teor discursivo diversos aspectos que remetem a questões que podem ser analisadas via contexto histórico-social. Porém, tais questões só podem ser concebidas inerentemente à trama quando compreendidas em uma esfera ideológica, projetada nas instâncias discursivas, uma vez que o foco da presente pesquisa é analisar o âmbito discursivo.

O presente capítulo tem como intuito analisar as questões voltadas à obliteração dos sujeitos da narrativa de Donato, a fim de estabelecer a coerente relação entre o percurso discursivo das personagens e a visão de mundo presente na esfera erivateira abordada no romance. Para tal, nos valeremos das concepções de *ideologia* tendo como base os apontamentos de Bakhtin (2014), uma vez que a partir dos autores em questão, pode-se analisar as noções discursivas dispostas na perspectiva ideológica implícita no discurso das personagens.

A partir da referida análise busca-se avaliar como as personagens da trama podem ter seu discurso afetado por uma determinada visão de mundo, e como a sua identidade enquanto sujeito discursivo vai anulando-se com relação a uma esfera ideológica.

O conceito de *ideologia* apresentado por Bakhtin (2014), ao qual nos atemos nesta pesquisa, faz menção ao aspecto ideológico relacionado diretamente ao *material semiótico* (BAKHTIN, 2014), manifesto a partir de um conjunto de signos. Outro ponto relevante faz menção às *cadeias ideológicas* apresentadas em vias de interação social. Notemos:

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando uma às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, só no processo de interação social (...) a criação ideológica – ato material e social – é introduzida a força no quadro da consciência individual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 34)

Visualizamos a partir das acepções acima colocadas que a *ideologia* – sob as acepções de Bakhtin (2014) - é um processo que remete não só à *consciência individual* do sujeito, mas também ao meio social. A *ideologia* enquanto cadeia ideológica contamina as *consciências individuais* que, em um determinado grupo social, passam a ter seu discurso pigmentado pelas relações ideológicas que lhes são concebidas. Esse processo é o que ocorre em *Selva Trágica*, uma vez que os sujeitos dispostos na trama são contaminados por uma determinada visão de mundo que, gradualmente, altera as marcas discursivos dos caracteres englobados pelo erval. A *ideologia* à qual nos referimos nesse contexto volta-se para o monopólio da Companhia Mate Laranjeira. Compreendamos que a Companhia tem sua visão de mundo disseminada a partir do discurso dos sujeitos que a enunciam. É válido ressaltar que a *ideologia* impregnada em um discurso tem como principal característica o fato de estar implícita, oculta. Sendo assim, esta configura-se velada em face das instâncias discursivas. Em *Selva Trágica*, a força e poder da Companhia Mate Laranjeira são conferidas no nível textual, em virtude da enunciação dos sujeitos, o que mostra o quão relevantes são as vozes ideológicas que permeiam um determinado momento histórico, e como estas condicionam e articulam as ações dos sujeitos, lembrando que a referida articulação é refratada a partir das noções discursivas apresentadas no discurso, como ocorre na narrativa de Donato (1976).

Como o foco em questão faz menção à obliteração das personagens por conta da *ideologia* disposta no aspecto ervateiro, analisaremos em primeiro momento alguns dos sujeitos nos quais a *consciência individual* é pigmentada pela *ideologia* da Companhia, e, posteriormente, analisaremos como a *cadeia ideológica* se manifesta em *Selva Trágica*. Teremos como foco de análise o discurso de três grupos que coexistem na atmosfera ervateira: os trabalhadores da Companhia; os trabalhadores clandestinos, denominados *changa-y*; e as mulheres presentes no erval.

Os trabalhadores da Companhia são representados em *Selva Trágica* em suas mais diversas funções. A seguir teremos a abordagem discursiva de dois sujeitos desse primeiro grupo: *Bopi*, um dos mineiros das minas de extração dos ervais, e *Casimiro* – um dos comitiveiros da Companhia, responsável por apanhar os fugitivos dos domínios do erval.

Analisemos primeiramente o discurso de *Bopi*. Na seguinte passagem ele dialoga com a personagem *Pablito* acerca da impotência deles perante o erval e

àqueles que apresentam algum índice de autoridade. *Bopi* encontra-se muito debilitado, em virtude de sua rotina e idade avançada, e tenta convencer *Pablito* da sua fraqueza com relação a todas as coisas que acontecem no erval. Vejamos: “(...) Eu lhe garanto que o erval tem seus protetores. Não vale a pena que fiquem danados com a gente. Havia de suceder muita desgraça para quem vier trabalhar aqui, depois.” (DONATO, 1976, p. 59)

Analisando o discurso da personagem podemos depreender dois aspectos. O primeiro remete ao nível do superficial do discurso, em que a voz que aparece é a do sujeito *Bopi*. Esse nível superficial articula-se a partir da construção sintática da instância discursiva. As duas primeiras construções frasais “ (...) Eu lhe garanto que o erval tem seus protetores” / “Não vale a pena que fiquem danados com a gente” são enunciadas pela personagem a partir de sua *consciência individual*. Já na última construção frasal, sendo ela “Havia de suceder muita desgraça para quem vier trabalhar aqui, depois”, o sujeito tem em sua voz indícios de uma visão de mundo que está sendo transposta para o leitor a partir de seu discurso. A *ideologia* da Companhia Mate-Laranjeira está implícita nas três construções acima dispostas, porém, na terceira construção que temos uma *debreagem* discursiva de caráter enuncivo. Fiorin (2014) considera que quando ocorre a *debreagem enunciva*

[...] ocultam-se os actantes, os espaços e os tempos da enunciação. O enunciado é então construído com os actantes do enunciado (terceira pessoa), os espaços do enunciado (aqueles que não estão relacionados ao *aqui*) e os tempos do enunciado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito ou presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro). (FIORIN, 2014, p. 59)

É justamente essa modalidade de *debreagem* que ocorre na terceira construção frasal explicitada, enunciada pela personagem. Notemos que na sentença “Havia de suceder muita desgraça para quem vier trabalhar aqui, depois”, temos as três condições explicitadas por Fiorin (2014). Na sentença exemplo, temos um actante em terceira pessoa, pois o foco narrativo desloca-se da primeira pessoa (singular e plural), como nas outras duas sentenças (“*Eu* lhe garanto (...) / (...) danados com a *gente*), e passa para o nível da terceira pessoa, aproximando o discurso da personagem do aspecto narrativo (“Havia de suceder muita desgraça [...]). A segunda

condição da embreagem enunciativa remete aos espaços que não estão diretamente relacionados ao contexto do *aqui enunciado*. Quando temos no discurso a oração “para quem vier trabalhar aqui”, temos menção a um espaço externo ao que está sendo enunciado. O *aqui* inserido no discurso não é o mesmo *aqui* evidente no enunciado. A personagem está projetando em seu enunciado um espaço divergente do espaço em que está no momento de sua enunciação, ou seja, quando a personagem refere-se ao *aqui* ela está enunciando um espaço que ainda irá se constituir em um tempo futuro, e não ao espaço físico onde ela se encontra na enunciação. Por fim, temos o última condição voltada ao tempo da enunciação. É com relação ao tempo que encontramos no enunciado da personagem *Bopi* a maior tensão. Observemos novamente: “Havia de suceder muita desgraça para quem vier trabalhar aqui, depois”. Temos no enunciado duas construções verbais que divergem-se sintática e semanticamente – *havia / vier trabalhar*. De acordo com essa construção, há o desfocamento cronológico do enunciado, uma vez que o tempo suposto por esses dois verbos faz-se incoerente no nível do enunciado. Além disso, temos ainda o advérbio de tempo *depois*, que indica uma outra tensão quanto à cronologia do discurso. Para que possamos compreender essa problemática temporal é necessário que notemos que essa terceira construção é contaminada de vozes discursivas provenientes da *ideologia* presente no contexto temático da obra. Temos na construção frasal o embate entre o passado (*havia*) e o futuro (*vier trabalhar*) devido à mescla entre nível do enunciado e nível na enunciação. No nível do enunciado temos o discurso de *Bopi*; já no nível da enunciação temos outros discursos inerentes à instância discursiva enunciada pelo sujeito, mas que aparecem de modo refratado e implícito ao discurso da personagem. Donato (1976) articula essas vozes de modo que a personagem *Bopi* seja enunciativa dos fatos que ainda ocorrerão no nível da trama, mas que já ocorreram em um tempo e espaço histórico. *Bopi* configura-se no nível discursivo como um sujeito que cede sua voz para que eventos exteriores ao seu discurso possam ser narrados.

Voltando para o campo ideológico, notamos que a *consciência individual* de *Bopi* é articulada por Donato a partir de um contexto ideológico, sendo este a conjuntura da opressão dos subjugados pela Companhia e da força de repressão que possuía contra aqueles oponentes à seu regimento. Temos então a anulação da personagem em prol de uma *ideologia* imposta. A personagem apresenta um discurso

contaminado por uma esfera repleta de outras vozes que parte de uma percepção de mundo, e anula-se perante a essa percepção, rendendo-se à impotência de suas ações.

Temos a personagem *Casimiro*, um dos comitiveiros responsáveis pela captura dos fugitivos dos ervais, que muitas vezes tentavam atravessar a fronteira e, sem sucesso, acabavam sendo capturados ou mortos.

A passagem que se segue faz menção ao episódio em que a personagem *Pablito* é apanhado em fuga e não consegue atravessar a fronteira. Nesse episódio, *Casimiro* dialoga com *Pablito* antes da personagem ser morta por outro comitiveiro.

- Mitã⁵?! Tenho uma raiva desgraçada da burra da vida! Veja como é! A gente passa o mundo cuidando de criaturas sem brio nem eira. Quando topa homem ou mulher de valia, estão do outro lado da nossa estrada. E a encomenda que a Companhia me deu é aquietar de uma vez com você. Isso me dá amargor na boca, acredite! (DONATO, 1976, p. 186)

No discurso de *Casimiro*, temos a visão de mundo da Companhia. Na abordagem aqui disposta se busca compreender em até que ponto a *ideologia* pode modificar o sujeito e seu discurso. *Casimiro* apresenta no fragmento duas facetas

A primeira faz menção à sua própria constituição psicológica, o que nos faz notar a criticidade em sua *consciência individual* (“Tenho uma raiva desgraçada da burra da vida! Veja como é! A gente passa o mundo cuidando de criaturas sem brio nem eira”), ou seja, a personagem, revela-se capaz de analisar as relações que envolvem seu aspecto social. Porém, essa mesma *consciência individual* que apercebe as questões à sua volta é condicionada a uma determinada *ideologia* que o força a deixar suas percepções para cumprir o que lhe é imposto: “a encomenda que a Companhia me deu é aquietar de uma vez com você. Isso me dá amargor na boca, acredite!” (DONATO, 1976, p. 186).

Ainda que a personagem tenha em sua constituição o senso de reflexão, que é manifesto via discurso (“Tenho uma raiva desgraçada da burra da vida! Veja como

⁵ referente a menino ou menina, em guarani

é!,”) a mesma se configura obliterada por um conjunto de regras proveniente de uma instituição que sustenta essa ideologia. Vale destacar que a obliteração da personagem ocorre em face tanto da ideologia da Companhia quanto pelo fato de Casimiro estar inserido em uma função proveniente da opressão, uma vez que ele é um dos indivíduos que, motivado por uma cadeia ideológica, faz parte do sistema de opressão, não apenas sendo oprimido, mas também oprimindo àqueles que fujam dos padrões exigidos pela esfera ervateira.

Estabelecendo um paralelo entre ambas as personagens dispostas, pode-se visualizar que a *ideologia* representante da Companhia Mate Laranjeira está implícita em ambos os discursos. Porém, no primeiro discurso – da personagem *Bopi* – ela se configura presente de modo implícito, só sendo visualizada a partir dos índices discursivos da personagem, uma vez que ela cede a voz para que a articulação dessa visão de mundo seja projetada. Já em *Casimiro* temos a representação do teor ideológico de modo explícito, inerente no nível do enunciado, ou seja, no nível superficial da linguagem. No entanto, ainda que articuladas de modos diferentes pelo autor, ambas as *consciências individuais* estão interligadas por uma cadeia ideológica proveniente de um contexto, a partir de um grupo social ao qual as duas personagens estão inseridas. Sendo assim, notamos que as *consciências individuais* de ambas as personagens estão conectadas, e essa conexão só faz-se possível em face da correlação possibilitada pela cadeia ideológica.

Teremos agora a análise de uma personagem que representa os *changa-y*. Os mineiros com essa denominação executam a extração da erva de modo clandestino. Sendo assim, não seguem o regimento da Companhia Mate Laranjeira. Por esse motivo, os *changa-y* estão em constante fuga, em virtude dos embates que apresentam com o sistema ervateiro disposto pela Mate Laranjeira. Como a erva é extraída de modo ilegal, esses trabalhadores clandestinos são alvo dos comitiveros, que têm como função proteger os territórios destinados para a extração à Companhia. A personagem escolhida para tal abordagem é *Osório*. A partir dela buscamos demonstrar que, ainda que o indivíduo em *Selva Trágica* não esteja diretamente ligado à Companhia, este ainda é afetado pela *ideologia* por ela disposta. Vejamos o excerto do diálogo que a personagem *Osório* estabelece com um componente de outro erval, interessado em obter mais áreas para a extração da erva-mate. O diálogo que segue é uma resposta de *Osório* ao homem com quem está debatendo sobre negócios

clandestinos com relação à erva, e este lhe diz sobre o poder da Companhia sobre os *changa-y*. Segue o diálogo entre as duas personagens:

- [...] a Companhia tem uma concessão de duzentas léguas com quase todo o mate do mundo ali dentro. Mas fica danada se um *changa-y* lhe poda uma árvore.

- Bem, daí que Deus fez o mato assim grande. Por mais gente, barco, caminhão e cavalo que a Companhia distribua na vigia, sempre há de haver uma trilha pra o *changa-y* ganhar o seu. (DONATO, 1976, p. 88)

Apesar de a personagem *Osório* ter seu discurso articulado de tal forma que nos dê a impressão que não se importa com o poder da Companhia, podemos depreender, de acordo com seu enunciado, o quão relevante se configura o monopólio da Companhia com relação aos ervais. Aqui, bem como no discurso da personagem *Bopi*, anteriormente disposto, temos a voz ideológica agindo sobre o discurso de *Osório*, uma vez que é por ele que algumas informações referentes à força da Mate Laranjeira são manifestas no nível do enunciado. Os fios ideológicos constituintes do discurso de *Osório* nos mostram outra vertente da articulação de Donato com relação à instância discursiva, uma vez que agora, a mesma *ideologia* à qual a personagem *Osório* - e as outras personagens que assumem o papel de *changa-y* na trama – é contra a que está intrínseca ao seu discurso, obliterando o enunciado da personagem e dando lugar à manifestação do capital da empresa Mate Laranjeira. Confirmemos tal afirmação a partir do fragmento a seguir: “(...) Por mais gente, barco, caminhão e cavalo que a Companhia distribua na vigia (...)”. Podemos notar que *Osório* rende-se ao poder da empresa, sabendo sobre seus recursos e de seu potencial econômico. Os substantivos *gente*, *barco*, *caminhão* e *cavalo*, constituem um processo metonímico. O substantivo *gente* personifica todo o setor pessoal – os encarregados da companhia, em suas variadas funções; o substantivo *barco* remete ao poder de navegação que a empresa possui, uma vez que o seu processo de escoamento da erva também era realizado pelas vias fluviais do Rio Paraguai; já o substantivo *caminhão* remete ao processo comercial plausível em vias terrestres; e por fim, o substantivo *cavalo* personifica os comitaveiros e seu meio de rastreamento e captura dos *changa-y* e também daqueles que fugiam dos ervais em busca de ultrapassar a fronteira.

Depreendemos que ainda que o discurso de *Osório* contemple um teor de resistência, a articulação entre o nível do enunciado e o nível da enunciação concorrem para que a *ideologia* imposta aos sujeitos da trama prevaleça, uma vez que ainda que a personagem busque um lugar para si mesma e para seus semelhantes, ela compreende e aceita a totalidade do poderio da Companhia – “sempre há de haver uma trilha pra o changa-y ganhar o seu.” (DONATO, 1976, p. 88). No entanto, a construção “*há de haver uma trilha*” sugere apenas uma esperança e não a certeza de liberdade e prosperidade. A esperança é suplantada pelo poderio da Companhia, que cede espaço apenas à incerteza dos tempos futuros.

Por fim, temos aqui o último grupo, representado pelas mulheres da trama. Este último grupo é considerado aqui como o que sofre a maior obliteração com relação às visões de mundo impostas a elas e aos discursos enunciados por outras esferas narrativas que oprimem e anulam as suas manifestações discursivas. As mulheres são configuradas como objetos cujo único fim é atender aos desejos dos homens. A única personagem feminina que foge parcialmente dessa afirmação é *Flora*, no entanto, o gênero feminino está disponível aos instintos e desígnios dos componentes do erval. Observemos a passagem em que o administrador do acampamento cogita a organização de um baile para os trabalhadores, uma vez que os ervateiros já encontravam-se esgotados e precisavam de uma motivação para ter rendimento em suas funções. É válido ressaltar que essas festividades tinham como intuito mascarar a realidade sub-humana à qual os trabalhadores eram submetidos. Notemos a posição do administrador do acampamento com relação às mulheres e suas funções perante os homens do erval: “- Nove mulheres para vinte homens? Não dá animação em baile algum. E quero que eles se desaguaxem nas suas vontades.” (DONATO, 1976, p. 28). Vemos que a figura feminina é extremamente objetificada nas dependências do erval, uma vez que elas são vistas com o único propósito de submeter-se aos desejos masculinos. A brutalização do erval é conferida à esfera feminina tanto pelo próprio ambiente dos acampamentos quanto pelas relações de poder às quais estas são condicionadas.

Ainda com relação às mulheres do erval, vejamos a passagem abaixo, enunciada pelo narrador da trama, em que as informações referentes ao baile são dadas às mulheres pelos encarregados da organização:

Fizeram conforme o mandado. E passaram a ordem de estar feliz e de falar muito no baile. Falar bem. Porque as mulheres empalidecem. Sabem que o baile é feito como oportunidade forçada para elas desafogarem os ardores reprimidos dos homens do erval. Durante a noite do baile, os mineiros usavam das mulheres como durante o dia serviam-se dos instrumentos de trabalho. Ai da mulher que não comparecesse, saudável, doente, velha, feia ou grávida. (DONATO, 1976, p. 29)

A partir do fragmento acima, notamos que as condições miseráveis inerentes a um contexto social precário anula todas as perspectivas perante o erval para as mulheres que a ele pertencem. Ainda assim, este grupo é de grande relevância para o desenvolvimento da narrativa, uma vez que é por elas que temos uma outra perspectiva dos ervais. O gênero feminino será aqui representado pelo discurso de *Flora*, uma personagem de grande complexidade pela qual é possível visualizar como os fatores sociais e ideológicos do momento histórico relativos ao erval afetavam a perspectiva da mulher inserida na esfera ervateira.

É importante salientar que temos outras personagens femininas de grande relevância na narrativa, porém, a personagem em questão apresenta alguns fatores que a fazem representar todas as mulheres em *Selva Trágica*.

Flora tem na trama uma relação amorosa com a personagem *Pablito*, e desperta ainda o interesse de outro homem, *Isaque*, apresentado na trama como um dos encarregados do erval. Ao longo dos acontecimentos, *Flora* passa por um processo de invalidação de sua individualidade, uma vez que a sua personalidade vai se esvaziando, até ser preenchida pela aceitação do que ocorre no erval.

Em primeiro momento, temos o discurso de *Flora* no início da trama, quando ela ainda apresenta expectativas com relação à vivência nos domínios do erval. *Flora* articula-se de modo crítico, indagador, não aceitando o que era lhe imposto de antemão. No fragmento a seguir, *Flora* importuna seu cunhado, *Pytã*, acerca da ausência de *Pablito*, que foi em busca de novas minas de erva-mate para extração.

– Não é preciso que a gente se goste, mas, que diabo! Ao menos é bom que a gente se agente. Eu e você. De nós dois é que digo isso. Veja como está o andamento da minha vida: faz coisa de um mês que o Pablito saiu pra monteada. Um mês e não sei se volta, se morreu ou fugiu. Um mês sem meu homem... com todos esses arrieiros por aí. (DONATO, 1976, p. 14)

O discurso de *Flora* no fragmento acima é de grande teor persuasivo. O mais interessante dessa personagem é o fato de sofrer um processo gradual com relação à *ideologia* a ela imposta e manifestar esse processo de modo visível em seu discurso. Tendo por base o primeiro fragmento, vejamos um segundo fragmento, no qual temos o prosseguimento desse processo de obliteração da personagem *Flora*. A seguinte passagem remete ao episódio em que, após fugirem do acampamento, *Flora* pede para que *Pablito* siga sozinho na fuga. A personagem reconhece que a fuga não poderia obter êxito. Seu discurso é impregnado de forças ideológicas que remontam ao poder opressor da Companhia e às mazelas que ela poderia causar a quem a enfrentasse. Observemos: “Só que não deu certo! Agora vejo as coisas do lado de cá, peso a loucura que foi esta fugida. E se você diz que não continua pra se perder comigo, não foi só loucura não. É o mesmo que suicídio” (DONATO, 1976, p. 171).

É nesse momento que temos a obliteração de *Flora*. Sua aceitação perante o contexto em que vive é articulada no discurso por meio da analogia entre a fuga e o fracasso – “*agora vejo as coisas do lado de cá.*” O *lado de cá* enunciado pela personagem faz menção a uma visão sem perspectiva ou idealizações. O suicídio projetado em seu discurso configura-se como um paradoxo: o senso de liberdade configura-se tão distante que passa a ser considerado letal, enquanto o senso de escravidão passa a configurar-se como único meio de existência. A aceitação vem como meio de conforto para o que decorre no erval, uma vez que contra a força da Companhia e de seus sujeitos não haveria como se insurgir. Essa confirmação dar-se-á no último excerto inerente ao discurso de *Flora*. O excerto a seguir configura-se como uma projeção do pensamento de *Flora*. Vemos que até o pensamento de *Flora* precisa ser enunciado pelo narrador, o que demonstra que a sua voz, bem como a sua capacidade crítica foi obliterada pela *ideologia* resultante do contexto do erval. A voz da personagem foi sendo oprimida de tal forma, que ela não apresenta mais a capacidade de enunciá-la por si mesma, necessitando então de um sujeito externo para projetar sua voz, sujeito este que aqui se configura como o narrador.

O futuro era o que era – não o que gostaria que fosse. E se o mundo rodava nesse rumo, asnice era entestar no contra-rumo. Melhor seria acertar o passo com o passo do mundo. Vivia no país da erva e assim era a vida por ali. Sentiu o Isaque deitar-se ao lado e procurar sua mão. Não se esquivou. (DONATO, 1976, p.277)

O trecho anterior refere-se ao pensamento da personagem *Flora* e reflete – a partir de seu discurso projetado – o cotidiano ervateiro e as impressões que este confere àqueles que dele fazem parte. O excerto acima dispõe a noção de aceitação das questões do erval. Implicitamente ao discurso da personagem, podemos visualizar as forças que cooperam para que uma determinada *ideologia* seja construída e refratada a partir do discurso. Além disso, o encontramos nessa projeção discursiva o fatalismo – “*o futuro era o que era – não o que gostaria que fosse; as nice era entestar no contra-rumo; assim era a vida por ali.*” As três construções acima explicitadas desvelam a aceitação dos padrões impostos, e a resistência é colocada como uma ação estúpida e ineficaz, uma vez que é suplantada pela visão de mundo inerente à Companhia e personificada pela esfera ervateira.

Quando Hernani Donato dispõe no prólogo de *Selva Trágica* que a personagem principal é a erva, devemos considerar que essa erva traz consigo uma carga semântica muito forte; junto a ela estão atrelados conceitos, vozes e uma cadeia ideológica capaz de modificar as ações dos indivíduos e também a essência desses. Ainda que *Selva Trágica* se configure como um romance histórico, é válido salientar que suas personagens são projeções de indivíduos que coexistiram com a atmosfera do erval. A imposição da *ideologia* presente na trama é reflexo indireto e não mediato de um determinado momento histórico, mais especificamente, o momento histórico relativo ao ciclo da erva-mate no Estado de Mato Grosso, anterior a sua divisão territorial, fato que ocorreu em 1977.

Notamos então, que todos os sujeitos da trama de Donato configuram-se como tipos extraídos de um determinado grupo social, inserido em um assentado momento histórico. As acepções de Bakhtin (2014) quanto às questões ideológicas são cabíveis de aplicação na esfera aqui abordada – a esfera ervateira. Os autores dispõem que o local do *ideológico* “é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.35).

Todos os indivíduos presentes na trama são coagidos pelo erval e suas projeções. Logo, a cadeia ideológica, além de conectar as *consciências individuais*, impele a um condicionamento comportamental, tendo como fim a anulação da subjetivação discursiva de cada personagem, contaminando-a de uma carga

ideológica implícita no discurso, como visto nos fragmentos discursivos dispostos nos trechos acima.

Fechando essa linha de raciocínio e relacionando-a ao contexto da obliteração, vejamos, ainda sob os subsídios teóricos de Bakhtin/Volochinov (2014), como ocorre tal relação em detrimento do momento histórico – em nossa análise, o momento histórico contemplado pelo monopólio da Companhia Mate Laranjeira:

[...] aquilo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN/VOLOCHIV, 2014, p. 48)

Em *Selva Trágica* há o embate de classes; a problemática, se faz a partir do momento em que uma classe sobrepõe-se e anula a outra. No caso da trama, é a *ideologia* de uma das classes – a classe dominante representada pela Companhia Mate Laranjeira – que consegue abafar a outra, por meio de uma visão de mundo opressora, aliada ao monopólio econômico e ao poder social que ela apresenta. Todas essas questões, quando visualizadas a partir do discurso, conferem à trama uma atmosfera trágica, em que os oprimidos não têm sua voz audível, e aqueles que se fazem ouvir, são calados pelas circunstâncias do erval.

4 AS REPRESENTAÇÕES DA DÉCADA DE 1950 EM *SELVA TRÁGICA*

Ainda que a narrativa de Donato englobe um processo que ocorreu desde o início do século XX até meados de 1940, ela é capaz de promover a inerente relação com a visão de mundo presente na década de 1950 no âmbito nacional. Buscar-se-á ressaltar neste capítulo as nuances do contexto da atividade ervateira manifesta pela Companhia Mate Laranjeira em um contexto que se volta para à década anteriormente citada, a fim de que se possa explicar as marcas ideológicas impressas no discurso que refratam as linhas de força atuantes na década de 1950 como produto das modificações políticas e sociais.

As linhas de força anteriormente citadas apresentam-se a partir de duas divisões da burguesia brasileira do século XX: o do setor empresariado ligados às instituições bancárias e as empresas exportadoras de produtos agrícolas; e o setor empresariado ligado à indústria e avesso à presença dos capitais externos.

A primeira divisão – constituída a partir da esfera da agricultura, mais especificamente a agricultura de exportação - possuía como fonte de financiamento os subsídios estatais. Em uma outra esfera, temos o setor ligada à indústria, que apresenta maior resistência com relação à participação do capital estrangeiro (KUPERMAN, 2012). É importante ressaltar que esse embate pode ser melhor compreendido a partir da segunda metade da década de 1950, uma vez que nos primeiros anos da referida década, o setor agrícola e o industrial possuíam um teor funcional complementar entre si, e as disputas ideológicas e econômicas não se configuravam tão evidentes.

Tem-se em uma esfera a burguesia aliada ao setor agrário (exportação) e em outra esfera, a burguesia aliada ao setor industrial. As divergências entre ambas se deram a partir do desacordo ideológico perante a interferência dos capitais externos.

A tensão ocorre a partir do momento em que a classe burguesa voltada às atividades de exportação sente-se desfavorecida por perder o controle das ações agrícolas e de exportação. Em outra instância, temos a classe burguesa aliada à esfera industrial, que aposta no financiamento estrangeiro como subsídio para a produção de bens de consumo e também de bens de produção. Essa segunda esfera – aliada à interferência internacional – estabelece sua supremacia e deixa de

constituir-se como parceira da classe burguesa voltada à agricultura de exportação (KUPERMAN, 2012).

Temos então a disposição de duas linhas de força predominantes, relativas às frações da classe burguesa brasileira. Sendo assim, além do sistema de ideias nelas implícito, é necessário verificar em que ambiente este sistema se desenvolve, uma vez que toda *ideologia* necessita de um espaço social para desenvolver-se e dispor de uma determinada classe de locutores e interlocutores para ser devidamente disseminada.

Busca-se compreender em que medida o teor denunciativo da narrativa sobre as condições de exploração impostas pela fração da burguesia dominante na primeira metade do século XX projeta-se no contexto da década de 1950, a partir das vias discursivas, e como tal projeção ocorre na relação literatura e história, uma vez que os fatores analisados – ainda que históricos, políticos e sociais – estão sob a ótica da linguagem. Partindo do pressuposto de que a denúncia que compõe a narrativa refere-se a uma das frações da classe dominante acima citadas, veremos como se dão as relações entre *ideologia* hegemônica e os caracteres submetidos a esta no contexto da narrativa. Quando pensamos nessas forças, devemos visualizar que o discurso é constituído por fatores inerentes aos contextos históricos e/ou sociais que permeiam uma determinada classe ou aqueles subjugados a ela. Nesse sentido Bakhtin (1979, p 17) dispõem que o discurso “reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior”.

José Luiz Fiorin (1990, p.177) afirma que

[...] o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. (1990, p. 177)

Relacionando a acepção de Fiorin (1990, p. 177) à construção da narrativa compreendemos que o teor narrativo de “Selva Trágica” seria impensável sem que se relacionasse o texto – enquanto objeto linguístico –, e o contexto erivateiro do início do século XX – enquanto objeto histórico. A partir do diálogo entre ambos, temos como resultado uma narrativa que encena a questão social e econômica disposta na década de 1950. Em outras palavras, Donato ambienta a narrativa em um contexto das

primeiras décadas do século XX a partir do *locus* enunciativo refratado pelas forças ideológicas presentes na década de 1950. Conforme disposto por Kuperman (2002) houve o embate entre frações da classe dominante – a burguesia –, e o referido embate é apresentado na tessitura do romance a partir da revelação das condições de exploração inerentes ao contexto ervateiro, ligado à área da agricultura. O setor agroexportador voltado para a produção e mercantilização da erva-mate é ameaçado pela industrialização, a partir das leis que promulgam o fim do monopólio dos ervais mato-grossenses à Companhia. Em contraponto ao declínio da empresa agroexportadora, temos a ascensão dos polos industriais voltados a produção dos bens de consumo. O foco econômico brasileiro altera-se portanto para a industrialização, o que situa a fração agroexportadora em segundo plano no cenário econômico do país.

Passemos então para a demonstração das afirmações acima diante do nosso objeto de estudo – o texto literário -, buscando visualizar como está articulada a narrativa com relação ao contexto ideológico da década de 1950, e como traça-se um paralelo entre os fatos ocorridos no contexto ervateiro do início do século XX e o embate ideológico presente na referida década. A partir do fragmento, seguem dispostas duas frentes de análise: a ótica narrativa; e as relações temporais projetadas no nível do enunciado.

Em primeiro momento, faz-se necessário verificar como se configuram as relações discursivas da trama. A narrativa de Donato é elaborada a partir de mesclas entre os discursos do narrador e das personagens. Porém, nem sempre as marcações entre tais discurso são visíveis. Por vezes o narrador dispõe da consciência da personagem para apresentar a visão de mundo desta, que está articulada por uma força social exterior ao seu discurso. Vejamos a referida acepção no fragmento abaixo:

Percebe a volta de Isaque para o seu lado. Cerra os olhos e espera. O Isaque descansa no chão a cuia e a bombilha. Passa-lhe o dedo pela testa e os cabelos. Ela sabia que este a amava e faria por ela o que ela mesma fizera por Pablito. Não o amava, é certo. Mas o carinho com que fora cuidada e a atenção que o Isaque punha nos gestos e no olhar lhe diziam que poderia contar com ele. O futuro era o que era – não o que gostaria que fosse. E se o mundo rodava nesse rumo, asnice era entestar no contra-rumo. Melhor seria acertar o passo com o passo do mundo. Vivia no país da erva e assim era a vida por ali. Sentiu Isaque deitar-se ao lado e procurar a sua mão, não se esquivou (DONATO, 1976, p. 227).

O fragmento em questão já foi apresentado no capítulo anterior, em um outro recorte. Ele se refere ao um momento pós-fuga da personagem *Flora*. Após uma tentativa sem êxito de fugir das dependências do erval, *Pablito* é assassinado e *Flora* é capturada pelos jagunços da *Companhia*. Segundo a tradição local, a mulher que fugisse do erval e fosse capturada seria domínio de todos os homens, no entanto, a personagem *Isaque* – apaixonado por *Flora*, fica contra as leis do erval e a toma para si. A personagem, que relutou contra os sentimentos de *Isaque* durante toda a narrativa, cede ao seu fado e entrega-se ao homem, demonstrando a aceitação do seu destino. É nesse momento que ocorre o total esvaziamento pleno da personagem *Flora*, envolta em um discurso fatalista de aceitação dos parâmetros aos quais foi submetida. Essa questão é visível no recorte: “O futuro era o que era – não o que gostaria que fosse. E se o mundo rodava nesse rumo, asnice era entestar no contrarumo. Melhor seria acertar o passo com o passo do mundo. Vivia no país da erva e assim era a vida por ali.” (DONATO, 1976, p. 227). No referido recorte, temos a visualização da realidade do erval a partir da ótica da personagem *Flora*, porém não temos indicadores discursivos que denotem que a fala é proveniente dessa personagem. O que percebemos é a apropriação do narrador da consciência de *Flora* para que possam ser impressos no discurso suas noções e percepções com relação à sua condição perante o erval. O narrador dispõe da *onisiciência seletiva múltipla* (FRIEDMAN, 2002), para ressaltar a visão de mundo no discurso da personagem. Essa articulação concorre para que o narrador consiga, nesse momento – a partir da tensão do autor para com a construção da trama –, elevar ainda mais o que está subentendido no nível da enunciação, uma vez que o narrador revela – a partir do discurso de *Flora* – a subconsciência individual atrelada à consciência coletiva. Ou seja, temos o discurso da personagem sob um teor individual – em que ela compreende a necessidade de se adaptar ao mundo do erval, para que possa encaixar-se no mundo à sua volta. Além desse primeiro discurso – constituinte do pensamento individual –, temos uma força ideológica representada pela consciência coletiva, na expressão “o passo do mundo” (DONATO, 1976, p. 277). Ou seja, a personagem possui a consciência de que é preciso que busque seu lugar no mundo à sua volta e consiga situar-se nele. A partir desse ponto, a personagem também compreende que o mundo à sua volta é disposto em um determinado *molde*, ao qual

ela precisa encaixar-se para não sofrer as consequências que podem ser acarretadas pelo universo do erval caso ela não consiga adaptar-se a esse contexto.

Vejamos agora como se configuram as relações temporais projetadas no nível do enunciado. Buscamos avaliar como Donato dispõe o paralelo entre os acontecimentos sociais que permearam a década de 1950 e a esfera ervateira dos primeiros decênios do século XX. Observemos o recorte a seguir, inerente à reflexão da personagem *Flora* mediante as consequências do erval projetadas em sua própria impotência perante os acontecimentos que ocorreram – a fuga frustrada, a morte de *Pablito*, e o seu retorno para o ambiente ervateiro.

Analisemos o recorte “Vivia no país da erva e assim era a vida por ali” (DONATO, 1976, p. 227). Vemos a partir do excerto que a consciência da personagem – retratada aqui pelo narrador – não reflete um contexto isolado. Podemos relativizar a expressão “o país da erva” não somente aos ervais que compõem a obra. Voltando ao texto de Kuperman (2002), e suas acepções acerca da economia da década de 1950 e seus os desdobramentos para as classes que compunham a esfera dominante, entende-se que há aqui uma menção ao setor agroexportador – ou seja, uma das frações da classe dominante. Partindo do pressuposto de que a erva-mate é um produto que contempla em sua produção a participação de capitais externos –, mais especificamente do Paraguai e a Argentina, passamos a compreender que ainda que situada nas primeiras décadas do século XX, a narrativa remete ao contexto da década de 1950, à agroexportação e à interferência de capitais estrangeiros. O caráter denunciativo da obra *Selva Trágica* consiste na relação em que o autor articula entre o setor agrícola – voltado para a área de exportação -, a interferência de capitais externos e as forças ideológicas presentes nessa relação. Em outras palavras, Donato dispõe de seus personagens - manifestos tanto a partir de suas próprias percepções quanto pelas percepções do narrador – para transpor narrativamente a voz daqueles que auxiliaram na construção e manutenção da economia brasileira e também de outros países, porém, possuem sua visão de mundo obliterada pelas forças ideológicas presentes nos setores de maior prestígio – como as grandes companhias, os acordos políticos e os privilégios fiscais.

Donato consegue traçar um panorama entre as questões sociais e políticas que são dispostas na década de 1950 a partir de apontamentos narrativos, que ele consegue encaixar em um outro contexto temporal. Sendo assim, o autor articula as

vozes de menor prestígio em paralelo com as forças ideologicamente dominantes, e oportuniza ao interlocutor a compreensão a partir de uma outra perspectiva – a perspectiva dos oprimidos pelas vozes predominantes.

Dispondo de um breve panorama sócio-histórico, temos, segundo Marly Rodrigues (2010, p. 17), com relação ao Brasil na década de 50, a seguinte afirmação:

A corrente de pensamento de maior influência nos anos 50 foi a nacionalista. A tese central dos nacionalistas apoiava-se na possibilidade de desenvolvimento independente do Brasil, através da industrialização comandada pela burguesia e por capitais nacionais. Isso, no entanto, não significava uma aversão absoluta ao capital e à tecnologia estrangeiros, aceitos na medida em que se submetessem ao controle nacional. (RODRIGUES, 2010, p. 17)

Podemos depreender então uma política de articulação entre o desenvolvimento do país, a classe burguesa e a interferência do capital nacional. O romance de Donato dispõe tal percepção política e econômica na esfera erivateira, uma vez que a Companhia Mate Laranjeira é fruto da interferência do capital estrangeiro. Voltando-nos para a análise dos índices discursivos, vejamos como as acepções anteriores manifestam-se no discurso.

Notamos uma menção à interferência do capital estrangeiro manifesto em uma das passagens do romance, relativa à personagem *Luisão*, um dos caracteres chave para a abordagem e compreensão da esfera política e social incutida na trama. A referida personagem atua na trama como intermediador entre as terras dos ervais e o centro econômico e político do Brasil na época, o Rio de Janeiro. A personagem é um dos trabalhadores dos ervais, porém, como se deslocou até outros ambientes, a fim de buscar informações que auxiliassem na luta para que o fim do monopólio ocorresse, demonstra grande poder de persuasão ante seus companheiros e domínio político suficiente para compreender as modificações que viriam a ocorrer: a participação da classe política na interferência do contexto do mate.

Temos no excerto a seguir uma articulação entre a vertente histórica e a literária. A relação entre ambos dá-se pela apresentação de dados pertinentes à história da Companhia, representada em um ato ficcional por Donato (1976) a partir da tessitura de *Selva Trágica*. O recorte a seguir é proferido pela personagem *Luisão*:

“No oitocentos e oitenta e dois, começaram a fazer erva e um certo Dom Tomás, da comissão de limites, arranjou companheiros e armou a companhia” (DONATO, 1976, p. 105-166). A partir do discurso da personagem, o autor insere uma informação valiosa para que a relação entre a interferência do capital estrangeiro e o aspecto progressista do país – situado na década de 1950 – seja apreendido. A partir do enunciado da personagem temos a visão histórica do que ocorreu no início do monopólio e também a evidência da atuação de uma das frações da classe dominante: o setor agroexportador em atuação com os capitais estrangeiros. Logo, a erva-mate que era manejada em solo brasileiro contava com a participação de outras nações – Paraguai e Argentina. Esses dados ficam implícitos no nível do enunciado, porém, é possível fazer associações com os fatos verídicos de acordo com os índices que o autor articula na narrativa mediante a participação do narrador e das personagens.

Com relação à inerência entre o texto e os fatores exteriores ao mesmo – como esfera social, econômica e história, temos aqui a afirmação de Barros (1999, p. 1):

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto um objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico. Conciliam-se, nessa concepção de texto, ou na ideia de enunciado de Bakhtin, abordagens externas e internas da linguagem. O texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico. (BARROS, 1999, p.1)

Relacionando as afirmações de Barros (1999, p. 1) ao contexto de execução na narrativa, depreendemos que o texto é construído a partir do diálogo entre a questão social e história, e sobre ela atua a *ideologia* proveniente de um determinado contexto. Nesse sentido, compreendemos que a temática ervateira, disposta aqui de forma ficcional na esfera textual, apresenta-se refratada no panorama histórico. Depreendemos, portanto, que o texto deve ser analisado tanto por meio do discurso nele incutido quanto dos elementos históricos e sociais que contribuem para a construção de seu efeito de sentido. De acordo com a acepção bakhtiniana o discurso é constituído através de circunstâncias enunciativas pertencentes à determinadas esferas sociais. O texto é o meio pelo qual uma determinada visão de mundo é projetada de acordo com elementos derivados do âmbito social. Ratificando essa

informações vejamos a afirmação de Bakhtin (1979, p. 72), que consideram que a palavra se faz do

[...] indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...] A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1979, p.27).

Veremos a partir de agora como o autor articula o discurso do narrador e das personagens segundo o seu ponto de vista, e como isso se configura como subsídios para a disposição das linhas de força de ambos os períodos históricos – início do século XX e a década de 1950.

O narrador permanece em sua identidade imparcial, descrevendo os fatos trágicos do erval sem deixar-se tomar pela emoção dos acontecimentos. Donato oportuniza essa capacidade ao narrador a partir do momento em que tensiona a narrativa, distanciando o narrador da carga emotiva dos fatos. Essa capacitação é promovida a partir dos indicadores discursivos que se destoam da parcialidade. No fragmento seguinte temos a visualização do trabalho do ervateiro. Notemos que a construção do enunciado não permite o compadecimento do narrador com o que está sendo narrado. A narração ocorre de modo mecânico, ilustrando o processo de coleta e carregamento da erva, sem que sejam levadas em conta as condições nas quais se encontram esses trabalhadores.

Meio-dia. Avançam pelo tape, pernas duras, passadas curtas. Cada passo debaixo do raído de quase duzentos quilos exige grande esforço. O raído passa uma alça forte ao redor da cabeça do mineiro. Ela solda a carga ao homem e evita que a espinha dorsal se parta. Ao fim de cem passos, quando o raído 'assenta', a alça começa a latejar, como se batesse para entrar nas paredes do crânio. Vencido um quilômetro, os ombros ficam insensibilizados pelas duas correias que os enlaçam. Por cima dos outros pesos há também o de duas preocupações: não errar o passo – pois o tombo pode quebrá-lo debaixo do fardo; e não permitir que a espinha dorsal se curve [...] se pisa fora da trilha e escorrega ou tropeça morrerá debaixo do fardo (DONATO, 1976, p. 21).

O autor estabelece a visível separação entre o narrador – sujeito culto da enunciação, e os demais sujeitos do erival. Quando há a aproximação entre a voz do narrador e das personagens, percebemos que o que ocorre é uma técnica de construção narrativa. A modulação das vozes do romance, a partir da articulação de Donato (1976), ocorre a partir das debreagens/discurso indireto livre. Logo, temos a elaboração de um romance histórico executado a partir de uma instância culta e perspicaz acerca dos fatos ocorridos. O autor, muito além de articular as relações entre narrador, personagem e contexto da obra, apresenta relação à esfera sócio-histórica na qual está inserido. No âmbito teórico temos a seguinte consideração:

O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem (que, num grau mais ou menos elevado, são objetivos e evidenciados), mas também no objeto da narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador. (BAKHTIN, 1998, p.118).

Não encontramos no referido romance – *Selva Trágica* (1976) - as acepções e considerações do autor de forma direta. Visualizamos sua percepção de mundo de acordo com os discursos articulados, tendo em vista o contexto no qual estava inserido. A voz discursiva do autor aparecerá então de modo *refratado*, utilizando-se de subsídios discursivos.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

Pelo viés de Bakhtin (2002, p. 86), o enunciado possui determinado objeto em torno do qual se estabelece. No romance em questão, o objeto é a erva e suas desinências; toda a carga ideológica manifesta por esse objeto é de grande relevância para a constituição de um diálogo social promovido a partir da relação entre momento social/histórico e a articulação narrativa, contemplada tanto pelo nível do enunciado quanto pelo nível da enunciação. Partindo dessa perspectiva, o discurso enunciado

pelas personagens colabora para que alguns aspectos sejam analisados, tendo em vista todo o conjunto da articulação narrativa disposta por Donato (1976).

A personagem *Luisão*, no contexto da narrativa, opõe-se não só à Companhia, mas também ao setor governamental que regia o país no contexto das primeiras décadas do século XX. Segundo o discurso da personagem, a Companhia detém grande poder tanto com os que estão subjugados às suas normas, quanto ao governo. Notemos: “A Companhia faz também essa e faz a grande política, em Cuiabá, em São Paulo, no Rio, em Buenos Aires, sei lá onde mais. Assim, cobre e abafa os gemidos e os gritos da pobre gente nos ervais” (DONATO, 1976, p. 105). Essa passagem faz menção ao episódio do retorno de *Luisão*, que foi aos grandes centros denunciar as mazelas do erval. Essa personagem configura-se dentro da trama como um dos símbolos de resistência da comunidade ervateira.

Luisão é a personagem que apresenta maior consciência histórica e social perante os ocorridos no erval. Na narrativa tem-se a apresentação da trajetória, tanto territorial quanto intelectual da personagem. Ao encabeçar a luta pelo fim do monopólio por conta da Companhia, *Luisão* apresenta um discurso contaminado de interferências dialógicas, em virtude do seu amadurecimento intelectual em contato com outras esferas. A construção da personagem está diretamente ligada ao referido amadurecimento, uma vez que quando a personagem é equiparada aos seus demais colegas, notamos em seu discurso um tom retórico, capaz de convencer e persuadir os demais, que, por sua vez, recebem as informações enunciadas e dão total crédito a elas. As noções políticas e sociais intrínsecas à narrativa são dadas por essa personagem. Notemos: “Estava de volta o Luisão. Por conta deles e falando por eles andar pelo Cuiabá e o Rio de Janeiro, de conversas e peditórios com os políticos favoráveis à extinção do privilégio da erva.” (DONATO, 1976, p. 104)

Percebemos então que Donato utiliza-se da figura de *Luisão* para inserir os fatos voltados à história e à sociedade da época, e em virtude disso, modifica o discurso da personagem para dispor as ações a partir do viés de um dos sujeitos dos ervais. Notamos então que o discurso é contaminado e manipulado pela perspectiva do autor, uma vez além dos fatos protagonizados por *Luisão*, temos também as marcas do enunciado conferidas a ele, que o diferem das demais personagens. A partir do enunciado da personagem, podemos visualizar o quão panorâmica é a perspectiva da mesma com relação aos fatos ocorridos no erval e suas projeções para

além das terras do mate. Vejamos as acepções acima colocadas no contexto da enunciação da personagem: “- Até agora lutamos sozinhos e a nosso modo. Mas a influência da Companhia não deixa nossa voz engrossar. Porque ela tem quem leve os seus recados até onde eles devem ser dados” (DONATO, 1976, p. 105). O discurso da personagem *Luisão* é um discurso coletivo. A sentença que pode comprovar essa afirmação é: “(...) agora lutamos / nosso modo”. Sendo assim, percebemos que a referida personagem configura-se na trama como a voz de todos aqueles que estão oprimidos perante as condições do erval, mas não se manifestam. É o discurso dessa personagem que promove o intercâmbio entre o erval e seus componentes e o mundo que coexiste com os ervais, mas que está distante do alcance dos ervateiros. Além disso, no recorte “Mas a influência da Companhia não deixa nossa voz engrossar” (DONATO, 1976, p. 105), vemos que a personagem tem conhecimento sobre as relações de poder que envolvem o sistema de produção da erva-mate e os reflexos desse no sistema governamental do país. O fato de a Companhia não permitir que a voz dos ervateiros seja ouvida é uma personificação do seu domínio perante os trabalhadores nos mais variados aspectos – ofício, visão de mundo, expectativa e sonhos. A voz dos ervateiros é suplantada pela vertente brutal daqueles que detêm o monopólio das minas de erva-mate.

A perspectiva dos fatos que decorrem por parte da personagem *Luisão* é muito perspicaz, uma vez que em seu discurso notamos as referências ao governo como um órgão impotente perante as mazelas da erva, justamente porque esta não pode ver aqueles que não têm voz perante à sociedade. Notemos:

O governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1976, p. 198)

A consciência da personagem é articulada pelo autor, a fim de colaborar para a construção de uma linha de sentido que apresente fatores que não estão no nível superficial do enunciado como as relações de poder, as cadeias hierárquicas e as projeções do monopólio no contexto de cada indivíduo nele arraigado.

Passemos então à segunda personagem aqui relacionada às questões da política da erva: o *Jornalista*. Na trama de Donato, a personagem *Jornalista*, como é denominado no romance, realiza quanto ao nível discursivo o processo inverso ao da personagem *Luisão*, uma vez que a voz da personagem *Jornalista* é projetada por um outro enunciador. Temos uma modulação discursiva para que o ato enunciativo da personagem em questão seja transposta nas vias discursivas. Na passagem a seguir, temos o discurso do filho de *Luisão* sobre o *Jornalista*:

Diz que é jornalista, que veio de São Paulo para saber as histórias da erva. Que lá e também no Rio de Janeiro os jornais e os políticos deputados estão falando da erva, querendo que o Governo providencie, acabe com o monopólio, mais isto e mais aquilo. Quer ouvir do senhor mesmo [...] (DONATO, 1976, p. 188)

O modo com que Donato articula o discurso do *Jornalista* e o desloca para a enunciação do filho de *Luisão* apresenta grande complexidade. Pode-se visualizar nas vias de discurso o processo da debragem, pelo viés de Fiorin (2014), uma vez que todas as informações relevantes que poderiam ser enunciadas pela personagem *Jornalista* são aqui projetadas na fala de um terceiro sujeito. A debragem ocorre de forma visível em alguns trechos como “(...) também no Rio de Janeiro os jornais e os políticos deputados estão falando da erva, querendo que o Governo providencie, acabe com o monopólio” (DONATO, 1976, p. 188). Quando o filho de *Luisão* enuncia o fragmento a seguir: “(...) mais isto e mais aquilo (...)”, temos uma segunda debragem, deslocando novamente o discurso no nível desse sujeito da enunciação. Esse processo confere à narrativa uma configuração impessoal. Temos a partir do discurso da personagem *Jornalista* um teor coletivo, uma vez que a personagem representa a imprensa e as forças midiáticas sobre ela projetadas. Outro ponto importante a ser avaliado no discurso dessa personagem é o fato de que o mesmo é caracterizado pelo narrador como “(...) alguém que não entendia nada daquilo. Fora mandado para ver, ouvir e escrever” (DONATO, 1976, p. 189) sobre um assunto que estava tornando-se foco das discussões políticas nas regiões de maior prestígio econômico, político e social do país, como os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, locais estes afastados da cultura do erval, incapazes de apreender todas as mazelas que ocorriam nos acampamentos e minas de extração da erva.

O discurso projetado na personagem *Jornalista* – enunciado em grande parte pela articulação do narrador – é repleto de vozes capazes de configurar ideologicamente as frações da classe dominante:

Em Cuiabá, no Rio e em São Paulo, aquele era um assunto que andava apaixonando. Na Câmara, no Senado, na imprensa, muitas vozes cuidavam do que começava a ser um escândalo nacional. Vozes que se chocavam, se combatiam. Algumas chamavam a necessidade de limitar os direitos e os poderes de uma potência particular legislando e governando por sua conta, submetendo homens e árvores à tratamento despótico. Outras vozes afirmavam, citando números e nomes de cidades, de rios e de estradas, que de outra forma o sul do Mato Grosso seria um deserto, belo mas improdutivo, extenso mas inútil. Essas vozes contavam como as cidades haviam nascido, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, e terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecido os fazedores de erva. (DONATO, 1976, p. 189)

Nesse fragmento temos um exemplo da divisão das frações da classe dominante e do embate entre elas. Faz-se relevante ressaltar que o excerto acima, tendo sua enunciação por meio da personagem *Jornalista*, apresenta – ainda que de forma não demarcada a partir de marcadores gráficos – a representação discursiva dos fatos enunciados pelos agentes do discurso subentendidos no fragmento. Esses agentes discursivos são aqueles que, ainda que são os grande articuladores das visões de mundo, e das articulações ideológicas. Podemos identificar no fragmento a modulação entre a perspectiva do *Jornalista* e a enunciação do narrador, uma vez que o *Jornalista* introduz a temática em sua enunciação, porém, quem executa o desenvolvimento das visões de mundo pertinentes a cada classe, é o narrador. O excerto que antecede a referida modulação discursiva contempla a introdução da temática a ser explorada é: “Em Cuiabá, no Rio e em São Paulo, aquele era um assunto que andava apaixonando” (DONATO, 1976, p. 189). Posteriormente, temos a inferência do narrador no discurso da *Jornalista*, e a partir desse ponto se estabelece uma paráfrase dos fatos ocorridos nos domínios exteriores às dependências da Companhia. O narrador tem seu discurso impregnado pelas manifestações vigentes no fragmento, e cede espaço para que as vozes que *chocavam-se* e *combatiam-se* se dispunham nas vias do texto.

Analisando as frações e suas visões de mundo manifestas na narrativa, temos a primeira fração a ser aqui disposta, voltada à industrialização e contrária ao

monopólio dos ervais. São vozes que pertencem a uma elite avessa à interferência do capital estrangeiro que estaria atrelado à produção, manutenção e êxito do mercado ervateiro. Logo, essa concessão deveria ser limitada, a fim de travar o crescimento de uma elite agrícola voltada para a exportação, e limitar também, o poderio daqueles que enriqueciam às custas da erva e sua atmosfera hostil para com àqueles que nela estavam inseridos. No fragmento acima, a visão de mundo dessa classe é manifesta a partir do recorte “Algumas chamavam a necessidade de limitar os direitos e os poderes de uma potência particular legislando e governando por sua conta, submetendo homens e árvores à tratamento despótico” (DONATO, 1976, p. 189). Sabendo-se que uma das frações da classe dominante faz-se contra a interferência dos capitais externos e que a Companhia e seu processo de manejo e exportação da erva contam com a participação de países como a Argentina e o Paraguai, tem-se o receio de que esses países passem a controlar setores que pertencem territorialmente ao domínio brasileiro. Logo, temos uma corrente ideológica que visa à produção de bens de consumo em território brasileiro, sem a necessidade de outros capitais ou ainda de vínculos empresariais com setores que não fossem nacionais.

Em um outro viés, temos as vozes da fração que contempla no monopólio possibilidades de enriquecimento. A problemática, instaura-se a partir do fato de que o progresso da elite é colocado em primeiro plano, fazendo com que os responsáveis por esse progresso permaneçam velados mediante o panorama social. Vejamos: “Essas vozes contavam como as cidades haviam nascido, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, e terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecido os fazedores de erva” (DONATO, 1976, p. 189). Nesse recorte, tem-se dispostas as melhorias oportunizadas pelo domínio da erva a partir da perspectiva dessa classe. Sendo assim, podemos depreender que essa fração, ligada ao setor agroexportador, visualiza na erva-mate a possibilidade de expansão capitalista, visando ao desenvolvimento e ao lucro, ainda que as condições de exploração configurem-se desumanas.

Vemos então que as questões políticas e sociais da época são inseridas no contexto da trama via discurso das personagens, e é a partir deste que o autor articula um posicionamento mediante os fatos ocorridos no Ciclo da Erva-Mate. Temos então uma complexa relação entre as esferas autor, narrador e personagens, uma vez que

o autor articula as ações, mas deixa transparecer sua concepção acerca dos fatos e ainda consegue constituir um narrador descritivo que se posiciona de forma aparentemente neutra perante as ações. Por fim, o autor projeta nas personagens a sua consciência histórica acerca dos fatos, o que culmina em um discurso marcado pela historicidade e pelas percepções de Donato no que tange ao sistema ervateiro e seus domínios territoriais, econômicos e históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado teve como intuito situar e analisar as linhas de força e as nuances temporais entre as décadas de 1940 e 1950 a partir da execução discursiva presente em *Selva Trágica* pelo autor Hernani Donato.

Para que essa pesquisa fosse realizada dispôs-se da articulação narrativa presente no romance e a partir desta, foram considerados alguns aspectos que serviram de subsídios para a análise dos elementos inseridos na tessitura da trama. Os sujeitos que compunham o erval, as mazelas aos quais estes eram submetidos, o árduo cotidiano do trabalhador, e o cenário no qual todas as ações decorreram foram analisados a partir do texto, de modo que se pudesse constituir a relação entre o contexto de elaboração do romance e os agentes externos que permearam a narrativa. Por agentes externos entendemos no contexto aqui disposto, as vozes que pigmentam o discurso das personagens e também do narrador. Para que as referidas vozes pudessem ser apresentadas no nível do enunciado e da enunciação, dispomos dos conceitos de *ideologia* e *cadeias ideológicas* a partir das acepções de Bakhtin (2014). Teóricos voltados aos pilares da enunciação, como José Luíz Fiorin e Norman Friedman, no que compete ao âmbito do narrador, também foram de grande relevância para que se pudesse constituir a relação entre o texto e o seu contexto de produção, oportunizando assim a análise do texto ficcional mediante aos níveis tanto da enunciação quanto do enunciado.

Buscou-se no nível do texto e em suas projeções para com a história oficial, relacionar dois períodos – 1940 e 1950 – a partir dos indicadores discursivos. Nesse sentido, o produto final dessa dissertação constitui-se em avaliar os reflexos dessa relação no nível do discurso. Logo, as vozes que se projetam no nível do discurso, resultado das linhas de força originadas a partir da ruptura nas frações da classe dominante – a burguesia brasileira – conforme apontado por Esther Kuperman, são capazes de obliterar e/ou esvaziar os componentes da trama, a ponto de neles incutir ainda que de modo implícito uma visão de mundo produto do monopólio da erva.

Os relatos de sobrevivência aos quais temos algumas menções no decorrer da trama, e os quais se fazem relevantes para a análise dos itens já citados no âmbito do texto, alcançam projeções que vão além da linguagem, uma vez que são os relatos

de vozes veladas e oprimidas pelas condições dos ervais e pela visão de mundo daqueles que faziam a gestão dos ervais, promovendo o seu êxito a partir dos indivíduos que, ainda que em condições de sobrevivência, mantinham a máquina ervateira em contínuo progresso, mesmo que isso lhes privasse do mínimo de dignidade, resultando apenas nos relatos dessa sobrevivência que, apropriando-se de uma das passagens de *Selva Trágica* configurou-se *absurda*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1995.

DONATO, Hernani. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O trabalho de Sísifo: “escravidão por dívida” na indústria extrativa da erva-mate (Mato Grosso, 1890-1945). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p.615 - 636, jul./dez. 2007

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Tendências da análise do discurso. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v.19, p.173-179, 1990.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio*, Unisinos, Vol. 5, N. 2, p. 69-76, maio/ago, 2007.

KUPERMAN, Esther. **Velha bossa nova: a Sumoc e as disputas políticas no Brasil nos anos 50**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARIN, Jérri Roberto. Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo (org.). **Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura em Mato Grosso do Sul**. Dourados: Ed. UFGD, 2013. p. 121-143.

_____. A elaboração de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - **Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: 2008. p. 1-17

_____. Limiares entre História e Literatura em *Selva Trágica*, de Hernani Donato. In: SANTOS, Paulo S. N. (Org.). **Literatura Comparada: interfaces e transições**. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.

_____. A morte nos ervais de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. **Revista Territórios e Fronteiras**. Campo Grande, v. 3, n.1, p. 1-19 jan./jun. 2010

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. 3. ed. São Paulo: Memórias, 2010.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Regionalismo e literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai**. Desenredos ISSN 2175-3903 - ano II - número 05. Teresina - Piauí - abril maio junho 2010

SENA, Nicodemos. Nota do Editor: Hernâni Donato e sua obra. In: DONATO, Hernâni. **Selva Trágica**. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011. p. 285-287.

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, V.] **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 2014.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002